

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

CAMPUS GARANHUNS

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

**O CONTO FANTÁSTICO NA FORMAÇÃO DO LEITOR
LITERÁRIO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

TÂMARA VIVIANE OLIVEIRA LEITE

GARANHUNS - PERNAMBUCO

2020

TÂMARA VIVIANE OLIVEIRA LEITE

**O CONTO FANTÁSTICO NA FORMAÇÃO DO LEITOR
LITERÁRIO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS DA
UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO-UPE/CAMPUS
GARANHUNS, COMO REQUISITO À OBTENÇÃO DO GRAU
DE MESTRE EM LETRAS.

LINHA DE PESQUISA: LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO.

ORIENTADOR: PROFESSOR DR. JAIRO NOGUEIRA LUNA

GARANHUNS -PERNAMBUCO

2020

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Biblioteca Prof. Newton Sucupira

Universidade de Pernambuco – UPE

L533c Leite, Tâmara Viviane Oliveira
O conto fantástico na formação do leitor literário do ensino fundamental /
Tâmara Viviane Oliveira Leite, Garanhuns, 2020.

101 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Jairo Nogueira Luna.
Dissertação (Mestrado profissional em Letras) – Universidade de
Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras - PROFLETRAS,
Garanhuns, 2020.

Inclui bibliografia e apêndices

1 FORMAÇÃO DE LEITOR. 2 LITERATURA. 3 CONTO. 4 DRAMATIZAÇÃO.
5 ENSINO FUNDAMENTAL I. Luna, Jairo Nogueira (orient.). II. Universidade de
Pernambuco. III. Título

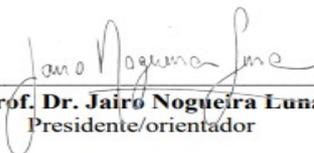
CDD 23th ed. – 372.64
Jaqueline Fatima da Costa Buzzo– CRB-4/2221

TÂMARA VIVIANE OLIVEIRA LEITE

**O CONTO FANTÁSTICO NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Garanhuns, para obtenção do título de Mestre em Letras. Orientador: Prof. Dr. Jairo Nogueira Luna.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Jairo Nogueira Luna
Presidente/orientador



Prof^a Dr^a Jaciara Gomes
(UPE-PROFLETRAS)
Examinadora



Prof. Dr. Bruno Augusto Dornelas Câmara(UPE)
Examinador

Aos meus pais pelo apoio em todos os momentos desta jornada.

Ao meu filho, Tony Emmanuel pela esperança em dias melhores.

AGRADECIMENTOS

Ao ingressar no Mestrado Profissional em Letras, deparei-me com muitos desafios que foram sendo superados a cada dia com o apoio de todos que compartilharam comigo este sonho.

Agradeço a Deus que ilumina meu caminho em minhas escolhas, dando-me a oportunidade de viver essa experiência de crescimento pessoal e profissional.

Agradeço aos meus familiares pelo incentivo e apoio durante esta jornada e em todos os momentos de minha vida.

Agradeço aos amigos que me incentivaram, compartilharam as angústias nos momentos difíceis e que me fortaleceram com as palavras de ânimo. A amizade é um importante alicerce!

Agradeço o apoio dos colegas da Escola Dr. Benjamin Caraciolo e aos meus queridos alunos que vivenciaram essa experiência comigo na prática da sala de aula. Foram momentos enriquecedores que culminaram em aprendizado.

Agradeço aos amigos da turma por compartilhar momentos de aprendizado e experiências que ficarão guardadas em minha memória para sempre.

Agradeço aos meus professores do PROFLETRAS, os mestres que compartilharam conosco suas experiências e que me apresentaram um novo olhar sobre a profissão do educador.

Agradeço de forma especial, ao meu professor Jairo Nogueira que em suas orientações compartilhou de forma particular sua vastidão de conhecimento, aprendi que é preciso ter olhares diferentes. Jamais esquecerei suas aulas em meio a poemas e canções!

Por fim agradeço aos que colaboraram para a realização deste sonho. Obrigada a todos vocês!

“Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre”.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar o desenvolvimento da formação do leitor literário a partir do conto fantástico que apresenta o real e o imaginário como temas que envolvem os adolescentes e estão presentes em seu cotidiano por meio de outras linguagens como cinema, história em quadrinhos e videogames. O conto fantástico permite a integração do leitor com o dos personagens quando se coloca em dúvida entre uma explicação natural ou sobrenatural diante de fatos irrealis que surgem na narrativa. Para isso, apresentamos na fundamentação teórica as concepções teóricas de Charles Nodier (1830), Tveztan Todorov (1980), Felipe Furtado (1980) e Selma Rodriguez (1988) que explicam as definições e características do gênero fantástico, assim como reflexões sobre o papel da escola no desenvolvimento da formação do leitor literário a partir das considerações de Teresa Colomer (2003) e Regina Zilberman (2008) que apresentam o painel histórico da leitura literária na escola, as principais mudanças ocorridas no século XXI e seus impactos no processo de ensino e aprendizagem, considerando os documentos atuais vigentes como a BNCC (2018) no que se trata do desenvolvimento do senso estético. Apresentamos em seguida, as estratégias de leitura e interpretação existentes em nossas escolas e dados da pesquisa Retratos da leitura no Brasil (2015) que fundamentam a necessidade de estratégias mais eficazes para o trabalho com o texto literário. Utilizamos a sequência básica de Rildo Cosson (2016) que evidencia uma abordagem mais sistemática com o texto literário, destacamos ainda a dramatização como uma forma de registro de interpretação de uma obra literária que está relacionada à função semiótica da linguagem. Em seguida, apresentamos a proposta de intervenção com o conto “O fantasma de Canterville”, de Oscar Wilde (1891), analisamos os resultados e suas contribuições para o processo de construção e ressignificações sobre o texto literário.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Conto fantástico. Dramatização.

ABSTRACT

This work aims to investigate the development of literary reader training based on the fantastic tale that presents the real and the imaginary as themes that involve adolescents and are present in their daily lives through other languages such as cinema, comics and video games. The fantastic story allows the integration of the reader with that of the characters when there is a doubt between a natural or supernatural explanation in the face of unreal facts that arise in the narrative. For this, we present in the theoretical basis the theoretical conceptions of Charles Nodier (1830), Tveztan Todorov (1980), Felipe Furtado (1980) and Selma Rodrigues (1988) that explain the definitions and characteristics of the fantastic genre, as well as reflections on the role the school in the development of literary training based on the considerations of Teresa Colomer (2003) and Regina Zilberman (2008) that present the historical panel of literary reading school, the main changes that occurred in the 21st century and their impacts on the process of teaching and learning, considering current documents such as BNCC (2018) regarding the development of aestegies sense. Nextresent the reading and interpretation strategies in force in our schools and research data portraits of reading in Brazil (2015) that justify the need for more effective strategies for working with the literary text. We use Rildo Cosson (2016)'s basic sequence, which highlights a more systematic approach to the literary text, we also highlights dramatization as a way of recording the interpretation of a literary work that is related to the semiotic function of language. Then, we present the intervention proposal with the short story “ The ghost of Canterville”, by Oscar Wilde (1891), we analyze the results and their contributions to the process of construction and reframing the literary text.

Keywords: Literature. Reading. Fantastic. Dramatization.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: FOTO DO LIVRO UTILIZADO NA INTERVENÇÃO

FIGURA 02: RECORTE 1 DO QUESTIONÁRIO

FIGURA 03: RECORTE 2 DO QUESTIONÁRIO

FIGURA 04: RECORTE 3 DO QUESTIONÁRIO

FIGURA 05: RECORTE 4 DO QUESTIONÁRIO

FIGURA 06: ETAPA DE LEITURA DO CONTO

FIGURA 07: LEITURA DRAMÁTICA

FIGURA 08: LEITURA DRAMÁTICA DA ADAPTAÇÃO

FIGURA 09: CARACTERIZAÇÃO DO FANTASMA

FIGURA 10: CARACTERIZAÇÃO DOS ACESSÓRIOS DO FANTASMA

FIGURA 11: ENSAIO DO ENCONTRO DE VIRGÍNIA COM O FANTASMA

FIGURA 12: ATIVIDADE DE INCLUSÃO

FIGURA 13: TEXTOS DOS CARTAZES DE DIVULGAÇÃO

FIGURA 14: ENTRADA DE LADY DE CANTERVILLE

FIGURA 15: FAMÍLIA AMERICANA

FIGURA 16: APARIÇÃO DO FANTASMA DE CANTERVILLE

FIGURA 17: MAQUIAGEM DO FANTASMA

FIGURA 18: VIRGÍNIA E O FANTASMA

FIGURA 19: REPRESENTAÇÃO DO SOBRENATURAL

FIGURA 20: CENA FINAL

FIGURA 21: O PÚBLICO

FIGURA 22: RECORTE DE RELATO (M.A.)

FIGURA 23: RECORTE DO RELATO (M.I.C.)

FIGURA 24: EXPOSIÇÃO DOS PORTFÓLIOS

LISTA DE SIGLAS

BNCC – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

RPG – ROLE-PLAYING GAME

PCLP – PARÂMETROS CURRICULARES DE PERNAMBUCO

PNBE – PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA NA ESCOLA

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: GÊNERO PREFERIDO DA TURMA 8ªA

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: QUESTÕES E RESPOSTAS DOS INTERVALOS DE LEITURA

QUADRO 02: COMPARAÇÃO DO TEXTO ORIGINAL COM O TEXTO DA CENA 1

QUADRO 03: COMPARAÇÃO DO TEXTO ORIGINAL COM O TEXTO DA CENA 2

QUADRO 04: COMPARAÇÃO DO TEXTO ORIGINAL COM O TEXTO DA CENA 3

QUADRO 05: COMPARAÇÃO DO TEXTO ORIGINAL COM O TEXTO DA CENA 4

QUADRO 06: COMPARAÇÃO DO TEXTO ORIGINAL COM O TEXTO DA CENA 5

QUADRO 07: COMPARAÇÃO DO TEXTO ORIGINAL COM O TEXTO DA CENA
FINAL

QUADRO 08: TRECHO DO TEXTO PRODUZIDO PELOS ESTUDANTES

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 01: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

APÊNDICE 02: QUESTIONÁRIO

APÊNDICE 03: ATIVIDADE DO PRIMEIRO INTERVALO DE LEITURA

APÊNDICE 04: ATIVIDADE DO SEGUNDO INTERVALO DE LEITURA

APÊNDICE 05: ATIVIDADE DO TERCEIRO INTERVALO DE LEITURA

APÊNDICE 06: ATIVIDADE DE PRODUÇÃO ESCRITA

APÊNDICE 07: TEXTO PRODUZIDO PELOS ESTUDANTES- ADAPTAÇÃO DO
CONTO PARA PEÇA TEATRAL

APÊNDICE 08: REGISTROS FOTOGRÁFICOS DAS OFICINAS

APÊNDICE 09: REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA DRAMATIZAÇÃO

APÊNDICE 10: RELATO DO PORTFÓLIO

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	17
2. REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1. O Conto fantástico: concepções teóricas	24
2.2 A formação do leitor literário	31
2.2.1 Estratégias de leitura literária	36
2.2.2 Dramatização como registro de interpretação.	40
3. INTERVENÇÃO NA PRÁTICA DA SALA DE AULA	44
3.1 Escola e público da pesquisa	44
3.2 Questão norteadora da intervenção	44
3.3. Coleta de dados para seleção do gênero	45
3.4 ANÁLISE DO CONTO " O FANTASMA DE CANTERVILLE"	48
3.4.1 O autor e a obra	49
3.4.2 Elementos fantásticos no conto	52
4. METODOLOGIA	55
4.1 Sequência básica: leitura e compreensão do conto “O fantasma de Canterville”, de Oscar Wilde.	55
4.2 Oficinas de dramatização do conto	58
4.3 Encenação : adaptação do conto "O fantasma de Canterville"	69

4.4. PORTFÓLIO: REGISTRO DA APRENDIZAGEM	76
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
6.1 REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS	85
APÊNDICES	87

1.INTRODUÇÃO

A formação do leitor é um dos desafios da Educação Básica, de acordo com os resultados da *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2015)*, a maioria dos estudantes brasileiros apresenta dificuldades na interpretação dos textos e no reconhecimento das ideias implícitas, gerando um problema de entendimento sobre os sentidos dos textos. A leitura do texto literário, por exemplo, implica uma complexidade de fatores que demandam maior esforço para a compreensão dos subentendidos que permitem as reflexões sobre os sentidos do texto. A escola é o espaço destinado para o desenvolvimento das habilidades de leitura sendo, muitas vezes, o único ambiente em que os estudantes têm contato com obras literárias. O desenvolvimento da competência literária envolve vários aspectos como, por exemplo, o tempo destinado à leitura, a capacidade em construir sentido ao texto, os interesses pessoais de estudantes e professores, as temáticas mais relevantes e, principalmente, o entendimento dos implícitos.

A escola é o espaço apropriado para o desenvolvimento das habilidades de leitura sendo, muitas vezes, o único ambiente em que os estudantes têm acesso às obras literárias. Pensando nesta perspectiva, discutimos neste trabalho sobre o papel da escola na formação do leitor literário dos Anos Finais do Ensino Fundamental a partir da temática escolhida pelo público alvo da pesquisa: o conto fantástico, gênero que possibilita diálogos subjetivos com o texto e a integração de diversas linguagens.

No primeiro capítulo, apresentamos o aporte teórico sobre o conto fantástico a partir das concepções de Charles Nodier (1830) referentes às origens da relação entre ficção fantástica e realidade. Seguimos com o teórico Tveztan Todorov (1980) que caracteriza a narrativa fantástica na perspectiva de gênero literário, apresentando a hesitação entre o real e o irreal como característica marcante da narrativa fantástica. Prosseguimos com a abordagem de Felipe Furtado (1980) que destaca a descrição do ambiente como característica que reforça a plausibilidade do fantástico, continuando com as concepções de Selma Rodrigues (1988) que enfatiza a verossimilhança na representação da dualidade entre a realidade e a imaginação. Ainda neste capítulo, analisamos as contribuições do

conto fantástico para a formação dos leitores dos anos finais do Ensino Fundamental, a partir da abordagem de Teresa Colomer (2003) que defende o conto fantástico como gênero que envolve os leitores adolescentes a partir da identificação destes estudantes com os conflitos internos vivenciados pelos personagens. Prosseguimos com as contribuições de Regina Zilberman (2008) que destaca as práticas pedagógicas com o texto literário na escola, assim como os documentos oficiais que regem as diretrizes do ensino brasileiro.

Apresentamos estratégias de leitura literária, analisando os pressupostos da sequência básica de leitura literária de Rildo Cosson (2016) que evidencia a experiência do literário como uma forma de favorecer o envolvimento dos estudantes com a obra, selecionando a dramatização como forma de registro da interpretação do texto literário e representação do imaginário segundo a semiótica de Peirce.

No capítulo seguinte, apresentamos a proposta de intervenção na sala de aula, realizada na Escola Estadual Dr. Benjamin Caraciolo, no município de Sanharó com os estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental. A coleta de dados para a escolha do gênero preferido da turma foi realizada a partir da aplicação do questionário com critérios detalhados na análise exposta. A partir da definição do gênero, selecionamos para a pesquisa o conto fantástico “*O fantasma de Canterville*” (1891), do autor Oscar Wilde. Apresentamos uma descrição e análise da obra destacando os elementos fantásticos a partir das teorias abordadas na fundamentação teórica do primeiro capítulo.

Prosseguimos com o capítulo referente à metodologia aplicada em sala de aula e análise dos dados que tem como suporte teórico a sequência básica de leitura literária de Rildo Cosson (2016) com adaptações, sendo organizada a partir da leitura do conto *O fantasma de Canterville* que foi organizada em duas etapas: a primeira foi a leitura do livro integral com intervalos para a realização das atividades de compreensão do texto e a segunda etapa foi o registro da interpretação do texto a partir da dramatização, em que organizamos oficinas para a transformação do conto em texto dramático e encenação. A etapa final da metodologia foi a produção do portfólio para o registro de todo o processo de ensino e aprendizagem.

Com esse estudo, buscamos explicar o trabalho com o texto literário em sala de aula por meio de temáticas envolventes para os estudantes. Sobre isso a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, p.76) apresenta que

O interesse por um tema pode ser tão grande que mobiliza para leituras mais desafiadoras [...]. O grau de envolvimento com um personagem ou um universo ficcional em função da leitura de livros e história em quadrinhos anteriores, da vivência com filmes e games relacionados, da participação em comunidades de fãs etc, pode ser tamanho que encoraje a leitura de trechos de maior extensão e complexidade lexical ou sintática dos que os geralmente lidos.

A temática fantástica envolve os adolescentes por estar presente em diversas linguagens como o cinema, as histórias em quadrinhos e, principalmente, os roleplaying games (RPGs) que criam enredos com cenários góticos em que as personagens precisam enfrentar o perigo, a morte ou a loucura para sobreviver.

Considerando a realidade do público da escola campo de pesquisa, adolescentes entre 13 e 14 anos de idade, a linguagem mais conhecida é a dos roleplaying games (RPGs). Edson Ribeiro Cupertino (2008), em sua dissertação de Mestrado “*Vamos jogar RPG? Diálogos com a literatura*”, apresenta as possíveis relações entre literatura e RPG, mostrando que as estruturas narrativas adquirem forma lúdica. Segundo seus estudos, é uma linguagem que se expande no Brasil a partir da década de 1980, unindo elementos como o controle de personagem na narrativa e oralidade que despertam o “interesse entre os jovens dispostos a criar e evoluir por conta de suas criações ficcionais (p.22)”. Nesse sentido, a imaginação é responsável pelas descobertas em uma vida fora da realidade, ou seja, o leitor se identifica com a narrativa à medida que produz o seu personagem fazendo uso dos recursos narrativos ficcionais, da criatividade e do lúdico.

Ouvimos, principalmente nas escolas, que os alunos “ não lêem” ou “ não gostam de ler”, e de acordo com os dados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (2016), observamos que a realidade é diferente do que se pensa em relação às leituras juvenis. A pesquisa foi realizada com jovens na faixa de 11 a 13 anos e 14 a 17 anos, desse contingente 84% daqueles que têm de 11 a 13 anos se declaram leitores, segundo o critério adotado pela pesquisa de que é leitor quem leu pelo menos um livro inteiro ou em partes nos últimos três meses. A média da população brasileira como um todo aponta 56%, ou seja, o percentual de jovens é superior ao da média do leitor brasileiro em geral.

Sendo assim, os dados reforçam a ideia de que os jovens gostam de ler e apresentam a necessidade de ações que promovam a leitura dos livros literários na escola, sobre isso Ceccantini (2016, p.91) destaca que a pesquisa “permite perceber como talvez ainda haja certo abismo entre o modo como a escola brasileira trata a leitura e a necessidade premente de se atualizarem as estratégias para formar leitores”.

Segundo Regina Zilberman (2008, p.15) as escolas brasileiras não acompanharam as mudanças tecnológicas e dos meios de comunicação ocorridas no Brasil no século XXI. " Da alfabetização, tarefa que a escola desempenhou desde seus inícios, passou-se à necessidade de letramento, sobretudo de letramento literário". Ou seja, a leitura literária apresenta-se bem distante da realidade das escolas brasileiras, gerando um questionamento sobre as práticas dos professores na formação dos leitores " apreciadores de literatura". Segundo a autora, a formação do leitor depende de " se conceber a leitura como atividade de exploração do imaginário", como uma experiência das possibilidades de criação.

Maria Amélia Dalvi (2013) apresenta propostas didático-metodológicas com a literatura na escola, apontando que nos anos finais do ensino fundamental " o estudante precisa ser incentivado a ter contato com formas, textos, estéticas que exigirão mais esforço como leitor". Dalvi (2013) discute a necessidade do "olhar" para formas literárias populares buscando "pontes" com as formas clássicas. Apresenta como proposta a centralidade do texto literário no ensino de língua, assim como a qualidade literária na seleção dos textos lidos e trabalhados na escola.

A qualidade literária pressupõe, segundo a autora, que os textos literários sejam desafiadores para os leitores em formação, que o trabalho não seja pautado apenas na contextualização histórica da obra, que seja priorizado o trabalho com a exploração do texto no sentido de levar o leitor a ter condições de buscar "conhecimento, sabedoria, prazer, crítica e consolação para a vida" (p.79).

Dalvi (2013) expõe alguns princípios para o trabalho com a literatura na escola: tornar o texto literário acessível; promover eventos de leitura literária; familiarizar os leitores com a diversidade de gêneros literários, suportes e escritas, reconhecendo que os modos de apresentação do texto literário implica alteração recepcional; instituir a pesquisa e o conhecimento como inerentes à atividade literária; trabalhar com textos integrais; permitir a experiência de produzir literatura; avaliar para promover a aprendizagem; inserir os estudantes em circuitos, criação de adaptações.

Desse modo, os princípios apresentados por Dalvi (2013) estão relacionados ao objetivo de incorporar a leitura literária ao cotidiano escolar e extraescolar de todos, estudantes e professores.

Nesse sentido, consideramos que o papel do professor é fundamental para esse processo de aprendizagem significativa a partir das escolhas dos livros que serão trabalhados em sala de aula e das estratégias que favoreçam os diálogos com o texto literário.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentamos neste capítulo as concepções teóricas que fundamentam a pesquisa a partir das origens, definições, características e temáticas do gênero conto fantástico, assim como suas contribuições para a formação do leitor literário abordando conceitos e estratégias utilizadas no cenário educacional brasileiro.

Iniciamos abordando as origens da narrativa fantástica na Idade Média, que segundo Lovecraft (2015) surge com a criação de elementos sombrios como fantasmas e espíritos vingativos para a explicação do sobrenatural. Observamos mais adiante que são personagens que ainda existem no imaginário do leitor e que também estão presentes em outras linguagens como cinema e videogames que são muito apreciados pelo público alvo da pesquisa, adolescentes na faixa dos 13 e 14 anos de idade.

Apresentamos as primeiras reflexões teóricas acerca da literatura fantástica introduzidas por Charles Nodier (1830) que discute sobre a importância da ficção fantástica na representação da realidade nas primeiras criações literárias, observando o sonho e a loucura como elementos verossímeis resultantes do desenvolvimento da mente humana.

Analisamos que Louis Vax (1965) considera a composição estrutural do gênero fantástico e a ambiguidade entre mistério e razão como elementos que aproximam o leitor e a obra. Seguimos com a abordagem de Todorov (1980) a partir da perspectiva do conto fantástico como gênero literário, compreendendo a composição estrutural, além de observarmos que a ambiguidade entre real e imaginário é uma característica destacada na teoria de Todorov como elemento que envolve o leitor com a narrativa. A dualidade entre real e irreal é um elemento fundamental para a pesquisa no sentido da análise das características do gênero, assim como as temáticas abordadas que envolvem assuntos referentes aos comportamentos humanos, como medo e loucura, que podem ser revelados

pelos personagens estabelecendo uma ligação entre o leitor à medida que este reflete sobre sua realidade diante dos conflitos vivenciados no enredo da narrativa.

Analisamos que os estudos de Felipe Furtado (1980) contribuíram para a identificação da descrição como elemento característico da narrativa fantástica em que o autor reforça a ideia da verossimilhança na representação da realidade e da imaginação e que as concepções de Selma Rodrigues (1988) intensificam a recriação do real por meio da verossimilhança, apresentando definições sobre o gênero fantástico.

Apresentamos outro item nas concepções teóricas que se refere ao trabalho com a formação do leitor literário na escola. O que está sendo trabalhado em sala de aula? Para responder a este questionamento, Teresa Colomer (2003) ressalta o papel da leitura literária na escola desde a década de 1980, quando a concepção vigotskiana da aprendizagem surge nas escolas e ocorrem mudanças nas práticas tradicionais de ensino. Observamos também, que Colomer (2003) compreende a temática fantástica como gênero que desperta o interesse dos estudantes, principalmente, no que se refere a ambiguidade entre o real e o imaginário e os conflitos internos vivenciados pelos personagens.

A partir das reflexões de Regina Zilberman (2008) compreendemos os entraves do trabalho com o texto literário em sala de aula e as possibilidades para formar apreciadores de literatura na escola, à medida que a autora enfatiza a necessidade de repensar as práticas pedagógicas de leitura para que sejam mais eficientes. Nesse sentido, analisamos os documentos que orientam a formação do leitor, a Base Nacional Comum Curricular (2018), assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (2012) e o Currículo de Língua Portuguesa de Pernambuco (2019) que enfatizam as estratégias de participação do estudante.

Seguindo esse pensamento, apresentamos as reflexões de Maria Amélia Dalvi (2013), Isabel Solé (1988), assim como os resultados da pesquisa Retratos da leitura no Brasil (2015) que discutem a necessidade de estratégias de leitura que sejam mais significativas para os estudantes. Nesse sentido, abordamos os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a sequência básica de leitura literária apresentada por

Rildo Cosson (2016), compreendendo o trabalho sistemático com o texto literário que favorece o envolvimento do estudante com a obra literária. A dramatização é uma estratégia apresentada por Cosson (2016) como forma de registro da interpretação do texto literário que foi utilizada na proposta de intervenção por envolver diversas linguagens. Para a compreensão sobre os princípios da dramatização, analisamos as teorias de Jean-Jacques Roubine (2003) sobre a verossimilhança na Poética de Aristóteles, a introdução da dramaturgia no Brasil, segundo Sábato Magaldi (1997), assim como as reflexões da professora Beatriz Ângela Cabral (2018) sobre o papel da Pedagogia do Teatro nas escolas brasileiras e o professor como mediador na criação teatral.

As reflexões contribuíram para a compreensão dos elementos constituintes do conto fantástico, assim como pudemos entender a relevância das temáticas abordadas que remetem aos comportamentos humanos e os conflitos da realidade que são vivenciados pelos personagens na narrativa fantástica, evidenciando o papel do professor no desenvolvimento de leitores que tenham condições de apreciar diversas obras literárias.

2.1. O conto fantástico: concepções teóricas

A literatura fantástica pode ser definida como uma narrativa ficcional que envolve a reflexão sobre a personalidade humana a partir das relações entre a realidade e o imaginário revelando, por meio da introspecção dos personagens, a dualidade entre os sentimentos positivos e negativos que existem no mundo real. Segundo Todorov (1980), a função social da literatura fantástica é criticar os comportamentos sociais, abordando temas condenados por parte da sociedade como, por exemplo, a sensualidade, a loucura e a perversão sendo, o sobrenatural, uma forma de combate à censura. Sobre isso, (Todorov, 1980, p.83) afirma que a “ penalização de certos atos por parte da sociedade provoca uma penalização que se pratica no próprio indivíduo, lhe impedindo de tratar com certos temas tabus”.

Logo, a introdução dos elementos sobrenaturais no século XIX foi um recurso utilizado para evitar esta condenação, para tratar de assuntos inerentes à natureza humana que eram proibidos e que, na contemporaneidade, servem para fazer o leitor perceber que há algo errado em seu próprio mundo.

De acordo com o romancista e teórico Howard Philip Lovecraft, em seu ensaio “*O horror sobrenatural em literatura (1927)*”, as narrativas fantásticas têm suas origens na Europa Medieval com a criação de elementos sombrios durante o período predominado pelo medo do que era desconhecido. No livro “*Grandes Contos* (2015, p.1.105), Lovecraft explica que “ nesse solo fértil foram gerados personagens e formas de mitos e lendas sombrias que persistem na literatura sobrenatural até nossos dias, mais ou menos alterados pela arte atual”.

Para Lovecraft (2015), surgem nesse período personagens como fantasmas, por exemplo, que fazem parte da tradição medieval e tornam-se elementos característicos do romance gótico no século XVIII e que, ao longo dos séculos XIX e XX, os escritores europeus produziram narrativas com fantasmas vingativos ou espíritos sofredores.

Em “*A literatura fantástica: caminhos teóricos*”, Ana Luiza Silva Camarani (2014) apresenta discussões teóricas e autores que marcaram a história da literatura fantástica. Segundo a autora, na primeira metade do século XIX, o escritor francês Charles Nodier (1830), dedicou-se a reflexões teóricas sobre o fantástico, considerando que as primeiras criações literárias descreviam as sensações para representar o mundo real, mas as descrições não conseguiam explicar o que era desconhecido, surgindo então, a imaginação para representar a realidade. Segundo Camarani (2014, p.16) “ Nodier é, de fato, um dos primeiros escritores a refletir sobre os novos gêneros, inclusive o fantástico, tratando-os como novas modalidades para a expressão da sensibilidade de uma época”.

Nesse sentido, Nodier (1830) considera a ficção fantástica como parte da sociedade de sua época, o romantismo francês, pois responde aos anseios de sentimentalismo do público posterior à Revolução Francesa, classificando o sonho e a loucura como elementos responsáveis pela verossimilhança da narrativa fantástica. O sonho é caracterizado como a

consciência do homem que se prolonga em seu pensamento, sendo que a loucura está relacionada à imaginação pois representa uma ampliação da realidade “é verossímil que loucos relatem fatos estranhos e até sobrenaturais.” (p.20). Segundo Camarani (2014), o teórico evidenciou que a narrativa fantástica não é fruto de mentes alucinadas, mas é o resultado do desenvolvimento da mente humana.

Camarani (2014) prossegue suas reflexões apresentando a abordagem de Louis Vax (1965) sobre a definição do fantástico que considera o mistério ou a razão como representação do conflito no interior da narrativa que necessita da cumplicidade entre obra e leitor, sendo possível através da composição dos elementos estruturais do gênero. Desse modo, elemento como o espaço simboliza um local de onde parece se propagar todo o mal que influencia o tempo da narrativa com uma lentidão em relação à espera da meia-noite, que pode significar o terror da vítima da narrativa. Os personagens são ameaçados ou atraídos por algo imperceptível, revelando os sentimentos pessimistas como o medo que vão se intensificando na trama. Para a autora, a abordagem de Vax (1965) tem como foco a oposição entre o real e o sobrenatural, marcando a importância da ambiguidade na caracterização da narrativa fantástica.

Em “*Introdução à literatura fantástica*” (1980, p.5), Tveztan Todorov aborda o estudo do fantástico a partir da perspectiva de gênero literário, retomando a teoria de Vax.

A definição de literatura fantástica se refere a uma variedade da literatura ou, como se diz normalmente, a um gênero literário [...]. O que aqui tentamos é descobrir uma regra que funcione através de vários textos e nos permita aplicar o nome de “obras fantásticas”.

Nesse sentido, o conceito de gênero é importante para a reflexão de Todorov (1980) porque, segundo ele, permite avaliar a obra como um todo. Em sua análise, conceitua o gênero como o resultado de um conjunto de propriedades que se relacionam e se transformam, expondo a teoria de Frye que propõe categorias para classificar os gêneros em drama, poesia lírica, épica e prosa. Afirma ainda, que a ambiguidade entre o real e o imaginário é uma condição necessária para o texto fantástico.

Todorov (1980) considera que o gênero fantástico é caracterizado por uma estrutura que é definida a partir de aspectos específicos: verbal, sintático e semântico. Em relação ao aspecto verbal, a composição do texto depende do enunciado que tem como traço o discurso figurado, ou seja, o elemento fantástico surge a partir de expressões figuradas que são introduzidas por elementos modalizantes como, por exemplo, o futuro de pretérito. Segundo Todorov (1980, p.44) “o sobrenatural nasce da linguagem [...] só a linguagem permite conceber o que está ausente: o sobrenatural”. A enunciação é outra propriedade do aspecto verbal pois está relacionada ao narrador que, representado em primeira pessoa, facilita a identificação do leitor com o personagem, ou seja, o narrador-personagem apresenta um discurso ambíguo que pode ser explorado de diversas maneiras para envolver o leitor.

Em relação ao aspecto sintático, Todorov (1980) enfatiza que a estrutura do gênero está organizada para que o elemento fantástico apareça gradativamente, citando ser essa uma das características marcantes de Edgar Allan Poe, que utiliza a descrição detalhada no início do relato preparando para o acontecimento culminante, que é a aparição do elemento fantástico. Considera ainda o tempo como um aspecto sintático relevante para a percepção do leitor.

Em relação ao aspecto semântico, Todorov (1980) analisa as funções que o fantástico desempenha na obra, classificando-as em temas que são agrupados de acordo com as semelhanças e diferenças apresentadas em determinadas obras, cita Penzoldt, Vax e Callois, fazendo uma interpretação das classificações.

Todorov (1980, p.59) organiza os temas agrupando-os, primeiramente, em “temas do eu” reunindo metamorfose e pandeterminismo dos elementos sobrenaturais partindo da percepção sobre o mundo. Estão neste grupo, os seres fantásticos que têm poderes especiais, como por exemplo, a metamorfose da forma humana e a existência de seres sobrenaturais que têm poderes sobre o destino dos homens.

Podemos falar aqui de um determinismo generalizado, de um *pandeterminismo*: tudo, até o encontro das diversas séries causais (ou

azar), deve ter sua causa, no sentido mais pleno do termo, mesmo que esta não seja porém de ordem sobrenatural.

Neste sentido, o pandeterminismo explica as causas dos acontecimentos e, em nível mais abstrato, significa a relação entre o concreto e o abstrato, sendo a metamorfose uma ruptura do limite entre o sujeito e o objeto, o percebido e o imaginário, considerada no século XIX como uma característica da loucura. Elementos como o tempo e o espaço do mundo sobrenatural também se transformam. O tempo é mais prolongado e o espaço transforma-se no próprio elemento sobrenatural.

Todorov (1980) resume esse grupo em temas que se referem à estruturação da relação entre o homem e o mundo fundamentada na percepção, no olhar que permite descobrir outro mundo e falseia a visão normal através de elementos como espelhos e lentes *que permitem entrar no universo maravilhoso*.

O segundo grupo denominado “temas do você”, reúnem assuntos ligados à sexualidade excessiva que corresponderiam aos instintos humanos inconscientes. Trata-se da relação do homem com seu desejo, expondo os transtornos de sua personalidade, interagindo com o outro por meio da linguagem. A partir dessas considerações, Todorov (1980) desenvolve reflexões sobre as funções da narrativa fantástica que revelam os sentimentos mais íntimos ou impuros como o medo, o ódio, o prazer, a loucura, a morte que fazem parte da natureza humana, mas que ficam ocultos porque demonstram a fraqueza humana. Segundo o autor, o sobrenatural é uma forma de explicar essas sensações incompreensíveis, é uma reflexão sobre os dilemas morais que existem na vida real e que podem ser resolvidos ou não, que Todorov defende por meio da hesitação nas narrativas fantásticas. O leitor estabelece uma integração com o mundo de pessoas reais que vivenciam situações inexplicáveis pelas razões humanas.

De acordo com Camarani (2014), a teoria de Filipe Furtado (1980), autor português, retoma o conceito de Todorov sobre a narrativa fantástica como gênero literário e enfatiza que a ambiguidade é uma característica essencial para a existência do fantástico. O crítico aponta algumas características que reforçam a plausibilidade da narrativa: a) recurso a

fontes confiáveis; b) personagens respeitáveis e documentos como manuscritos e diários; c) referências históricas; d) testemunho do narrador-personagem; e) explicação racional para aspectos secundários da narrativa e f) traços realistas.

Furtado (1980) enfatiza que a hesitação depende da identificação do destinatário com o “personagem que melhor reflita a percepção ambígua do evento supostamente sobrenatural”, sendo um traço que contribui para a consolidação do fantástico literário. Em relação ao narrador, aponta ser mais frequente o narrador-personagem que coincide, na maioria das vezes, com um personagem secundário que funciona como uma testemunha mais equilibrada da manifestação sobrenatural.

Segundo Camarani (2014), os estudos de Furtado (1980) apontam que a descrição do ambiente contribui para reforçar a verossimilhança. A contradição real/irreal pode ser reproduzida pelo cenário apresentando componentes realistas e anormais. Geralmente, são espaços fechados, com tonalidades sombrias, castelos antigos com passagens secretas, cemitérios e ruínas que são oriundos do romance gótico do pré-romantismo inglês. Segundo o crítico, a combinação desses ambientes, que revelam uma “aparência real e sua ilusória subversão”, ou seja, um contexto cotidiano, aparentemente normal, onde surge um acontecimento insólito, produzem a hesitação ou a indefinição do fantástico literário.

Selma Calasans Rodrigues (1988), em *Fantástico* discute as relações entre literatura e realidade e questiona a definição de Todorov sobre o fantástico. A professora inicia citando as primeiras noções de recriação do real na arte, a mimese, a partir de Platão e Aristóteles, observando a verossimilhança como um “modo de realizar a mimese” e como está relacionado com o fantástico. Rodrigues (1988) considera a verossimilhança como “uma convenção artística relativa a um código estético de uma época” (p.26), citando Roland Barthes (1977) sobre a adequação da linguagem ao que é real. Para a autora, “o imaginário transposto para a literatura chama a atenção para os elementos inquietantes e inexplicáveis ao nível de uma lógica racional” (p. 28).

Ou seja, para Rodrigues é importante observar que na literatura fantástica dos séculos XVIII e XIX o sobrenatural é de origem humana, com temas voltados para o

antropocentrismo como, por exemplo, a luta entre o bem e mal, as viagens no tempo, a volta dos mortos e as desordens mentais. Ao questionar a definição de Todorov (1980) de que o fantástico depende da hesitação do leitor diante de um fato extraordinário, Rodrigues apresenta temas e recursos que definem o fantástico na ficção.

O primeiro tema a ser discutido por Rodrigues (1988) é a simultaneidade entre o reconhecimento do sobrenatural e das leis naturais para explicar fatos extraordinários citando a explicação de Irène Bessière que caracteriza o fantástico como a dupla ruptura entre o cotidiano e o sobrenatural, ou seja, a ficção usa a inverossimilhança para questionar a realidade; em seguida apresenta os limites entre o real e o sonho como recurso para explicação de experiências inverossímeis que possibilitam a transposição das fronteiras de tempo e espaço, citando “*A flor de Coleridge*” (1952), de Jorge Luis Borges em que o sonho é a motivação fantástica; outro tema observado é o inanimado com movimento próprio, como forma de laicização das crenças religiosas e a existência do duplo que permite a hesitação sobre o eu e o outro, sendo representada de diversas formas, com personagens iguais, através da telepatia, com a identificação com o outro e a dúvida sobre o seu eu, com retorno ou repetições de características através de gerações e personagens que desdobram-se em dois, ou seja, são formas em que a ficção explora as patologias mentais.

Rodrigues (1988) conclui suas reflexões fazendo uma comparação entre o fantástico tradicional e o moderno, observando “a zona de interrupção ou indeterminação” do enunciado fantástico e se baseia na ensaísta Rosalba Campra (1985) que propõe três tipos de fantástico.

Segundo Rodrigues (1988, p.48) “ o enunciado fantástico, especificamente, apresenta uma zona de interrupção, um escamoteio de dados que construiriam o sentido total da ação”, ou seja, propõe como primeiro tipo de fantástico “ o romance policial ou de mistério” em que a indeterminação é recuperada no final; o segundo tipo é o “ fantástico tradicional ” em que há apresentação de várias indeterminações que levam ao questionamento: sobrenatural ou delírio?; o terceiro tipo, é o “fantástico atual” em que não

há reconstrução no final permanecendo, assim a ambiguidade entre o sobrenatural e a realidade.

Neste capítulo apresentamos algumas concepções defendidas por Todorov (1980) que caracterizam o gênero fantástico, retomadas por Filipe Furtado (1980) que apresenta algumas considerações sobre os procedimentos para a criação da ambiguidade no texto fantástico e por Selma Rodrigues (1988) que discute a teoria de Todorov e apresenta temas e tipos para a definição do fantástico.

A partir das concepções teóricas abordadas, apresentamos reflexões sobre o papel da escola no desenvolvimento da formação do leitor literário e as contribuições do conto fantástico para o processo de ensino e aprendizagem.

2.2 A formação do leitor literário

As concepções expostas sobre a narrativa fantástica nos levam a refletir a respeito do processo de formação do leitor e quais as contribuições desse gênero para o trabalho com a literatura na sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental, relacionando as possibilidades que este gênero oferece para o desenvolvimento da competência leitora.

Ao observarmos o painel histórico da leitura literária na escola, podemos perceber que na década de 1980, a literatura juvenil tornou-se um componente necessário à formação literária, sendo um momento de discussão sobre os métodos tradicionais e a apresentação de obras envolventes para os estudantes. Ainda na década de oitenta, desenvolveu-se a concepção vigotskiana de aprendizagem, com a substituição das cartilhas pelos contos infantis na alfabetização. Segundo Teresa Colomer (2003, p.126) “ as mudanças sociais e a evolução da teoria literária favorecem a discussão sobre a função da literatura na educação obrigatória e, em consequência, a revisão dos textos e das práticas tradicionais”.

Nesse sentido, compreendemos que o debate sobre o desenvolvimento das competências leitoras literárias não é assunto recente, há algum tempo, discute-se o conceito e as metodologias para inserir a literatura juvenil nos anos finais do Ensino Fundamental.

Segundo Regina Zilberman (2008), no início dos anos 80 a educação brasileira intensifica as discussões relativas ao papel da literatura no ensino, surgindo a partir desse momento, iniciativas para a difusão e o fortalecimento da literatura infantil e juvenil no Brasil. Nesse contexto, a literatura passa a ser valorizada por ser entendida como a solução para os problemas sobre o uso da língua portuguesa. Depois de três décadas, o ensino passou por sucessivas reformas, com a globalização os meios de comunicação expandiram-se e o livro impresso já não era o único suporte de circulação do texto. Já no Brasil do século XXI, a globalização impôs a valorização da indústria cultural e suas múltiplas formas de divulgação do texto, aproximando tudo o que é considerado cultura.

Para Zilberman (2008) a escola não acompanhou essas mudanças, pois “os problemas educacionais permanecem, tendo-se somado novas razões às antigas queixas.” As consequências disso são, segundo a autora, o empobrecimento da escola pública e as maiores cobranças para os professores que se questionam sobre o que a escola deveria oferecer em termos de leitura. Com a expansão da escola brasileira, no processo de modernização da sociedade, os novos contingentes desconheciam a tradição literária e não se identificaram com a norma culta. Diante disso, Zilberman (2008) discute que novas questões se evidenciam: “como formar leitores competentes de textos escritos informativos e, simultaneamente, bons apreciadores de literatura?” (p.15). As práticas, então, passam a ser repensadas, surgindo a necessidade de ajustar os caminhos para atender às novas demandas da sociedade brasileira contemporânea.

Considerando esse contexto, podemos pensar sobre o significado do que seja formar um leitor literário competente em nossa sociedade atual. Sobre isso, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018, p.65), documento mais recente de orientação para a

organização curricular da Educação Básica, apresenta competências específicas na área de Linguagens e indica no que se refere à literatura:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

O desenvolvimento dessa competência está relacionado à ampliação das experiências das leituras para que o estudante tenha possibilidades de diferenciar e apreciar diversos estilos literários contemplando “o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis” garantindo a interação com diferentes produções. A BNCC (2018) propõe que as habilidades sejam desenvolvidas de forma contextualizada considerando a diversidade das formas de expressão para garantir a ampliação do repertório e interação que contemplam a formação estética vinculada à experiência de leitura e escrita do texto literário e à compreensão e produção de textos artísticos multissemióticos. Em se tratando das competências específicas de Língua Portuguesa, a BNCC (2018, p.87) orienta:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Segundo Colomer (2003) as obras relacionadas às forças sobrenaturais despertam o interesse dos adolescentes porque sua composição “consiste na criação de um clima de inquietude e ambiguidade entre realidade e fantasia com o qual o protagonista deverá confrontar-se”, (p.252). Ou seja, os conflitos internos que os personagens enfrentam contribuem para o processo de construção da personalidade do adolescente, assim como favorece a sua percepção enquanto leitor. Nesse contexto, o planejamento torna-se fator

imprescindível para o desenvolvimento do leitor competente à medida que o professor propõe atividades que favoreçam a construção dos sentidos do texto.

Nessa perspectiva, observamos que as concepções sobre a narrativa fantástica evidenciam as interações entre leitor e personagem, ao considerar a ambiguidade entre o real e o imaginário, contribuindo para o desenvolvimento da fruição, que é a abertura para a sensibilização durante a leitura, sendo que para se garantir a função humanizadora é preciso preparar o leitor que seja capaz de compreender as camadas de sentido do texto e os *modos distintos de ser e estar no mundo* (BNCC, 2018, p.139). Para isso, é importante que o professor prepare o estudante a partir do contato direto com a obra, mediando a leitura com perguntas focadas na interação do leitor com o texto. Em se tratando dos anos finais do Ensino Fundamental, os Parâmetros Curriculares de Pernambuco- PCLP (2012, p.95) indicam que “trabalhar efetivamente para a formação de leitores de literatura significa construir práticas centradas na produção de leituras ‘protagonizadas’ pelos estudantes”.

No que diz respeito às práticas de leitura, é importante pensar sobre o planejamento de atividades que estimulem o pertencimento ao mundo dos livros, ampliando a capacidade de reconhecimento dos subentendidos, estabelecendo relações entre o texto lido e a realidade que conhece e, no nível mais alto, analisar criticamente uma obra. Esse é o leitor que se espera formar nos anos finais do Ensino Fundamental e o professor é muito importante neste processo, pois tem o papel de mediar o trabalho com o texto.

Segundo Zilberman (2008), “o exercício da leitura é o ponto de partida para a aproximação à literatura” (p.18). Diante da atualidade, a escola precisa ser veículo de manifestação pessoal em que a leitura do texto literário em sala de aula possa auxiliar o estudante a ter mais segurança em suas experiências.

Consideramos, pelo exposto, que é interessante que o professor experimente abordagens que tenham o texto como ponto de partida, propondo aos estudantes o diálogo com a obra. Sobre isso, Vera Silva (2009, p.72) afirma que “saindo do apertado círculo de seu mundo pessoal e sendo capaz de sentir com o outro (mesmo que se trate de um outro

inventado), o leitor torna-se mais apto a criticar, a julgar, a exigir, a definir-se como verdadeiro cidadão.”

Nesse sentido, o leitor se identifica com o texto, refletindo e desvendando as intenções à medida que vivencia emoções, compartilha angústias e dilemas com os personagens por meio da ficção. Leyla Perrone-Moisés (1990, p.104), diz que “de todas as práticas de que podemos valer-nos para refazer o real, com a ajuda da imaginação, a que aqui nos ocupa é a literária, isto é, a reconstrução do mundo pelas palavras”. Sendo assim, a ficção nos remete à realidade, dando forma concreta ao imaginário por meio da linguagem que, segundo a autora, dificilmente está adequada ao real porque não é capaz de nomear todos os sentimentos humanos.

No artigo *Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce*, de Emílio Ribeiro Soares (2010), o estudo simbólico passou a ser contemplado a partir de Freud e depois com Jung que o identificaram na “psique” do homem. Soares (2010, p.49) explica que “o símbolo aponta para algo que está ausente, representando-o, mas sem apreender todas as suas possibilidades.”

Na escola freudiana, símbolo é aquilo que é figurado, que se relaciona a um comportamento, um pensamento, uma palavra que revelam o que é mais íntimo do ser humano. A respeito da interpretação do símbolo, Peirce (1958) apresenta que a representação é a relação entre o signo e o objeto por meio de uma ideia na mente do intérprete.

Segundo Maria Amélia Dalvi (2013, p.74), “o estudante precisa ser incentivado a ter contato com formas de textos, estéticas mais sofisticadas (o que está longe de querer dizer ‘mais elitizadas’), que exigirão seu esforço in(ter)ventivo como leitor.” Desse modo, Dalvi questiona o entendimento sobre o “ler por prazer” que é visto como algo simples enfatizando a complexidade do processo de leitura quando entende que a literatura deve ser o centro do “ensino da língua”, e parte do princípio de que a literatura seja próxima e sujeita ao diálogo articulada a múltiplas linguagens, suportes e mídias para que os leitores

busquem os textos literários como fonte de “conhecimento, sabedoria, prazer, crítica e consolação indispensáveis à vida.”

2.2.1 Estratégias de leitura literária

Nos anos finais do Ensino Fundamental é comum que as leituras sejam realizadas a partir do livro didático, seguidas de questões de interpretação. Sobre isso Rildo Cosson (2016, p.22) afirma que

No ensino fundamental predominam as interpretações de textos trazidas pelo livro didático, usualmente feitas a partir de textos incompletos, e as atividades extraclases, constituídas de resumos dos textos, fichas de leitura e debates em sala de aula, cujo objetivo maior é recontar a história lida ou dizer o poema com suas próprias palavras.

Nessa perspectiva, percebemos que o trabalho com o texto literário que está nos livros didáticos atende somente aos questionamentos propostos de atividade de compreensão. Ao professor cabe criar condições para que a construção e reconstrução dos significados do texto leve o aluno a se aprofundar na leitura de obras, vivenciando experiências a partir do diálogo com o texto literário.

Dalvi (2013) afirma que o leitor em formação sente-se constrangido quando sua compreensão sobre o texto diverge do especialista do livro didático por entender que não dispõe de todo o conhecimento para a interpretação que está no manual, isso ocorre porque, segundo a autora, a estrutura do livro e a filtragem do conteúdo restringem as possibilidades dos diversos sentidos do texto. Nessa perspectiva, a leitura integral de uma obra permite que o leitor perceba as intenções que estão nas entrelinhas.

Isabel Solé (1988, p. 71) afirma que “ para o leitor poder compreender, o texto em si deve se deixar compreender e o leitor deve possuir conhecimentos adequados para elaborar uma interpretação sobre ele”. As estratégias ensinadas devem permitir que o aluno planeje a leitura em função dos objetivos propostos, tais como: compreender os implícitos e

explícitos; ativar conhecimentos prévios relevantes; realizar hipóteses; reconhecer as informações principais, ou seja, direcionar os caminhos para o entendimento da leitura, a partir de atividades como formular previsões sobre o texto a ser lido; formular perguntas; esclarecer dúvidas e resumir as ideias do texto.

De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2015), ainda há uma grande necessidade de que as estratégias para formar leitores nas escolas sejam atualizadas. Um dos pontos destacados é a falta de sintonia entre as leituras dos alunos que são muito diversificadas e as práticas escolares que se distanciam da realidade.

Os livros mais lidos hoje pelos jovens costumam estar associados a fenômenos culturais que não se limitam a um dado livro, mas envolvem adaptações e recriações as mais variadas [...], uma grande diversidade de produtos que vinculam cultura e consumo e convidam permanentemente à múltipla fruição e ao trânsito entre linguagens e suportes, fundindo-se variadas modalidades. (Ceccantini, 2015, p. 89).

Diante dos dados, observamos que o planejamento das estratégias de leitura precisam estabelecer diálogos com o texto a fim de promover a leitura como uma prática cultural dos jovens, enfatizando a ideia de que o livro contribui para a formação individual e social.

Os resultados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2015), apontam ainda que a biblioteca é um espaço que contribui para o desenvolvimento da leitura, mas que precisa ser revisto pela comunidade escolar. No artigo *A biblioteca, um barulho necessário de dentro para fora* (2016), Volnei Canônica reflete sobre o papel das bibliotecas nas escolas brasileiras. Segundo o autor, buscou-se nos últimos anos, um esforço para a democratização do acesso ao livro em diversos lugares do Brasil, como por exemplo, os programas do Governo Federal de informatização e ampliação dos acervos das bibliotecas públicas e os investimentos sociais privados que também buscam iniciativas de promoção da leitura. Nesse sentido, Canônica (2016) percebe os avanços sobre a imagem e a frequência das bibliotecas, mas afirma que ainda há muito a ser realizado.

Quando Canônica (2016) observa os dados sobre a frequência do uso das bibliotecas, constata que 37% dos participantes responderam que leem livros por prazer e 80% pegam livros para pesquisar e fazer trabalhos escolares. Aponta também que a pesquisa ao considerar “o que faria as pessoas frequentarem mais a biblioteca”, verifica que 32% responderam “seria ter mais livros ou títulos novos”, seguidos de 22% que responderam “ter títulos interessantes ou que me agradem”. Para o autor, os dados confirmam a visão de que a biblioteca é um lugar de acesso ao livro e revelam a necessidade de uma nova percepção sobre esse espaço em que a leitura se faz presente.

É certo que a biblioteca é mais um espaço que a escola dispõe para desenvolver estratégias de leitura, o importante é que sejam planejadas. De acordo com Rildo Cosson (2016), as atividades com a leitura literária precisam ser sistematizadas, tornando-as em práticas significativas de aprendizagem de saberes e habilidades que a literatura proporciona, relacionando o processo de letramento literário com a experiência do literário, ou seja, discute que as práticas contemplem o processo, seus funcionamentos e não apenas a leitura das obras, de modo que o estudante compreenda os caminhos para o entendimento e, posteriormente, tenha possibilidades de escolher as leituras de acordo com suas intenções. As estratégias são fundamentais para esse processo de formação, sendo papel do professor levar o estudante a experimentar abordagens que tenham o texto como ponto de partida, aproximando-o das suas vivências.

Cosson (2016) propõe o desenvolvimento de uma sequência básica para o Ensino Fundamental com estratégias que organizam a abordagem do texto literário na sala de aula, a partir de três perspectivas metodológicas: oficina que alterna o trabalho com leitura e escrita; andaime que tem por princípio o estudante construir o conhecimento com o suporte do professor e portfólio que é o registro de todo o processo. A sequência básica segue quatro passos:

a) o primeiro é a *motivação* que consiste em uma preparação para a leitura, com práticas de leitura e escrita relacionadas ao texto, geralmente são atividades lúdicas que têm o objetivo de envolver o leitor para a temática do texto;

b) em seguida, é realizada a *introdução* em que o livro é apresentado e os seus elementos paratextuais são explorados, como por exemplo, a biografia do autor, os elementos da capa, outras publicações da obra;

c) o terceiro passo é a leitura integral da obra, com o acompanhamento do professor que observa os resultados da leitura a partir dos momentos de intervalos. Cosson (2016) define como intervalos as atividades de compreensão que possibilitam a observação e a intervenção sobre o processo da leitura;

d) a interpretação é o quarto passo que é dividido em dois momentos: o momento interior que compreende “a apreensão global da obra” logo após terminar a leitura, sendo influenciada pela motivação, introdução e leitura realizadas antes e durante o processo de letramento literário; o momento exterior é a materialização da interpretação como ampliação dos sentidos construídos individualmente por meio do compartilhamento de suas interpretações, tendo como princípio o registro da leitura. Há muitas variações de registros da interpretação, que são definidos de acordo com os textos escolhidos e os objetivos do professor. Sobre isso, Cosson (2016, p.68) afirma que “o importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar”.

Sendo assim, o autor define a interpretação como o momento de socialização do que foi lido e compreendido, enfatizando que a avaliação da sequência básica de leitura tem por objetivo principal engajar o estudante na leitura literária e compartilhar suas experiências nos momentos dos intervalos com o acompanhamento da leitura, na discussão e no registro da interpretação com a mediação do professor.

Em seguida, apresentamos a dramatização como uma forma do registro da interpretação proposta na sequência básica de Cosson.

2.2.2 Dramatização como registro de interpretação.

A dramatização de um texto é uma forma de registro de interpretação que requer a integração de várias linguagens sendo muito importante para a formação do leitor. A interpretação, segundo Cosson (2018), consiste na “tradução do texto literário para uma experiência tridimensional” (p.110). Afirma ainda que o principal para o professor é observar o processo de construção da dramatização do texto, ou seja, compreender as formas que os estudantes apreciam o texto para “transformá-lo em ação dramática” (p.111).

De acordo com Jean-Jacques Roubine (2003), as teorias teatrais do século XVII tinham como objetivo analisar e compreender a *Poética* de Aristóteles que compreendia a dramaturgia com a noção de ação. Roubine (2003, p.15) apresenta pontos importantes para a compreensão da *Poética* que não poderiam ser ignorados no século XVII: a verossimilhança, ou seja, aquilo que poderia ter acontecido na realidade “ela se baseia não sobre o real (o que efetivamente aconteceu), mas sobre o possível (o que poderia ter acontecido)”. Segundo o teórico, há no verossímil um componente psicológico que indica a representação do que é ‘plausível’, a opinião comum que um grupo social, em uma dada época acredita ser possível; outro ponto é que Aristóteles exclui a representação da modalidade do irracional, com aparições de divindades ou monstros que despertavam reação de incredulidade diante dos assuntos históricos, ou seja, o incontestável aos fatos históricos excluía do campo da tragédia o irracional impondo uma ideologia da moderação.

Segundo Sabato Magaldi (1997, p.16), as primeiras manifestações cênicas no Brasil são dos jesuítas que fizeram teatro para a catequese e tinham como finalidade: “levar a fé e os mandamentos religiosos à audiência, num veículo ameno e agradável, diferente da prédica seca dos sermões”, ou seja, a obra jesuítica deveria filiar-se à tradição religiosa medieval, sendo o auto, a forma que mais se ajustava aos preceitos catequéticos.

Para Magaldi (1997, p.18), os princípios religiosos representados por personagens alegóricos e simbólicos se chocavam com os seres reais, permanecendo assim “a

familiaridade cristã com o sobrenatural”. As representações jesuíticas eram realizadas em datas especiais e tinham um caráter festivo mobilizando todos os habitantes das aldeias.

No artigo *Abordagens metodológicas do teatro na educação (2005)*, Ingrid Koudela e Arão Santana analisam que a história e estética do teatro contribuem para a teoria e a prática educacional, tendo como princípio os conceitos de Piaget e Vigotski relacionados à função semiótica da linguagem e ao processo de reconstrução de significados. Koudela e Santana (2005, p.149) explicam que

No jogo teatral, pelo processo de construção da forma estética, a criança estabelece com seus pares um relação de trabalho em que a fonte da imaginação criadora – o jogo simbólico - é combinada com a prática e a consciência da regra do jogo, a qual interfere no exercício artístico coletivo.”

Desse modo, o trabalho com a linguagem artística é estabelecida de forma estética por meio de regras entre o grupo. Apresentam ainda que a Pedagogia do Teatro vem, nos últimos anos, sendo usada no Brasil incorporando teoria e prática da linguagem do teatro nas várias modalidades de ensino, que podem ser explorados no processo de apreciação e criação dos estudantes porque são formas de construção de valores estéticos. Podemos identificar essa orientação no Currículo de Pernambuco do Ensino Fundamental (2019, p.318) que apresenta o Teatro como um campo do componente curricular de Arte, marcado por diferentes abordagens e que tem como finalidade “fazer refletir sobre as nossas subjetividades, sobre a vida e o lugar em que vivemos.”

No artigo *Mediação em teatro: o professor como artista e pedagogo (2018)*, a professora Beatriz Ângela Vieira Cabral apresenta uma reflexão sobre o papel do professor como mediador no trabalho da criação teatral, discutindo que “a imersão na atividade e o prazer em descobrir conexões com novos percursos são fundamentais para o professor exercer sua função de artista (p.55)”.

Nessa perspectiva, o fator principal para a criação teatral é o envolvimento com o processo de criação em que aspectos como a interação são fundamentais para a imersão

nesse trabalho, sendo o professor figura imprescindível nesse movimento. Cabral analisa essa imersão no contexto da ficção citando Murray (1997) que associa as causas da imersão do teatro na escola, como espaço em que há várias possibilidades de linguagens artísticas, mas que, segundo a autora, ainda é pouco explorado diante dos impactos positivos provocados pelas experiências de montagens teatrais realizadas nas escolas que têm, por exemplo, a possibilidade de ampliação de novas formas de leitura e desafios da delimitação do tempo. Para Cabral (2018, p.58), o processo de construção do texto teatral é um procedimento metodológico que delimita as interações dos participantes.

O trabalho físico e mental de descobrir e criar conexões, ressonâncias e narrativas, a partir de justaposição e reordenação de materiais criados em outros contextos (fragmentos de textos, objetos, imagens visuais), faz emergir significados abertos a múltiplos níveis de interpretação.

Nesse sentido, a criação teatral é estruturada a partir de vários contextos que contribuem para a formação e fortalecimento dos participantes a partir das interações estabelecidas entre os grupos. Completa afirmando que a interação visual-verbal da linguagem dramática propicia a expressão de significados individuais e coletivos que permitem o contato com ambiguidades e conotações presentes no texto teatral.

De acordo com Silva (2009, p.134), a leitura cênica requer acuidade e treinamento pois é acompanhada de gestos, expressões faciais e deslocamento do corpo no espaço cênico.

As sucessivas leituras que se fazem antes de encenar uma peça, buscando entender suas intenções e transformá-las no tom de voz (leitura expressiva) e na expressão corporal apropriada beneficiam indiretamente a leitura de outros textos literários, desperta no aluno um olhar perspicaz, crítico.

Desse modo, o texto dramático demanda uma leitura complexa em que o leitor vivencia novas perspectivas em sua forma de ver o mundo, desenvolvendo competências como, por exemplo, desinibição da fala e do corpo contribuindo para o processo de

autoafirmação dos jovens leitores, trabalho em grupo e cooperação estimulando a disciplina e a responsabilidade.

Silva (2009) sugere que os jogos dramáticos sejam inicialmente trabalhados em sala de aula, também sugere que as montagens de peças teatrais editadas sejam fidedignas ao texto original, enfatizando que os ensaios sejam programados, apresenta um roteiro de programação que se inicia com a leitura coletiva e expressiva da peça, interpretando as intenções do texto; estabelecer prazos para a memorização das falas; sessões de leitura em círculo para a definição das falas e marcações; ensaios com falas, movimentações dos personagens, definição da sonoplastia e dos figurinos; ensaio geral e apresentação para uma plateia. “Enfim esse é um aprendizado que amplia o entendimento do texto literário, é um aprendizado de vida”.

Para Cosson (2018), a memorização é um processo de leitura que contribui para a formação do repertório literário do indivíduo, pois de alguma forma está ligado ao afetivo e, por isso, a memorização auxilia no desenvolvimento da dramatização possibilitando o compartilhamento dos textos que são significativos para cada indivíduo. A interpretação ocorre quando há o entendimento dos sentidos das partes memorizadas e de que forma serão representadas.

As concepções sobre a introdução do teatro no Brasil e suas contribuições para a interpretação e fruição estética complementam os fundamentos teóricos sobre o trabalho com a leitura do texto literário que é vivenciado nas escolas brasileiras e as possibilidades para a efetivação das estratégias que aproximam os jovens leitores dos livros literários.

Apresentamos a seguir a proposta de intervenção, suas etapas e adaptações que têm como finalidade desenvolver a formação do leitor literário a partir do envolvimento dos estudantes pela temática do gênero fantástico.

3. INTERVENÇÃO NA PRÁTICA DA SALA DE AULA

A partir das concepções teóricas analisadas, elaboramos o projeto de intervenção, evidenciando o trabalho com a leitura integral do livro *O Fantasma de Canterville*, de Oscar Wilde (1981), levando em consideração a temática de maior interesse dos estudantes da turma do 8º ano. Aplicamos a sequência básica de leitura literária de Rildo Cosson (2016), apresentada anteriormente como uma abordagem teórico-metodológica que desenvolve a ampliação da experiência literária na escola.

3.1 Escola e público da pesquisa

A Escola Estadual Dr. Benjamin Caraciolo, situada no município de Sanharó, jurisdicionada à Gerência Regional de Arcoverde, atende aproximadamente 700 estudantes, de acordo com o Censo 2019, oriundos da zona urbana e rural, ofertando as modalidades de Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos Anos Finais e Ensino Médio. Está localizada no centro da cidade, conta com salas amplas e uma biblioteca com acervo composto por programas federais de incentivo à leitura nas escolas.

Realizamos a pesquisa no ano de 2018 com a turma do 8º ano A, contando com 38 estudantes participantes com faixa etária entre 13 e 14 anos de idade, sendo que duas estudantes tinham necessidades especiais sem acompanhamento de intérprete de libras.

3.2 Questão norteadora da intervenção

A partir da análise em sala de aula identificamos que os estudantes apresentavam grande dificuldade com a leitura de textos literários, a maioria não compreendia os sentidos dos textos propostos nas atividades de compreensão do livro didático, assim como não

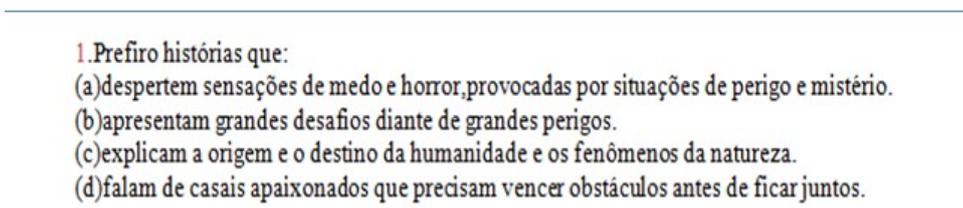
sentiam interesse por estes tipos de leitura, ocasionando distância e indiferença pelos textos literários. Sendo assim, a proposta de intervenção teve como objetivo principal analisar o papel da escola na formação de jovens leitores literários a partir do gênero preferido da turma que foi selecionado com a aplicação de questionário que será exposto a seguir.

3.3. Coleta de dados para seleção do gênero

Para a seleção do gênero escolhido pela turma, aplicamos o questionário que foi elaborado com quatro questões de múltipla escolha, contendo quatro alternativas relacionadas às principais características das narrativas ficcionais que estão na grade curricular do bimestre. O enunciado indica a marcação de apenas uma resposta para cada item. Apresentamos a seguir, as considerações sobre a elaboração de cada questão.

A 1ª questão trata das características referentes aos gêneros ficcionais que fazem parte da grade curricular do bimestre: (a) conto fantástico; (b) conto de aventura; (c) mitologia e (d) conto de amor.

FIGURA 02: RECORTE 1 DO QUESTIONÁRIO



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Apresentamos na 2ª questão as caracterizações típicas dos personagens que estão diretamente relacionados aos gêneros elencados na 1ª questão.

FIGURA 03: RECORTE 2 DO QUESTIONÁRIO

- 2. Prefiro histórias com personagens que:**
- (a) são misteriosos e são assombrados por fantasmas e monstros e vivem experiências extraordinárias.
 - (b) são corajosos, inteligentes, habilidosos e determinados para vencer os desafios que surgem.
 - (c) são considerados exemplos de superação e perfeição moral como deuses e heróis.
 - (d) vivem uma história de amor e vencem desafios para ficar juntos.

FONTE: ARQUIVO PESSOAL

As características relacionadas aos personagens dos gêneros citados anteriormente, definem, em linhas gerais, os comportamentos típicos de acordo com os sentidos de cada gênero.

Apresentamos na 3ª questão, as características específicas dos espaços que compõem as narrativas indicadas.

FIGURA 04: RECORTE 3 DO QUESTIONÁRIO

- 3. Prefiro histórias com lugares que:**
- (a) são misteriosos, escuros, antigos e têm um clima assustador.
 - (b) oferecem grandes desafios aos personagens.
 - (c) são sagrados, divinos e opostos aos seres humanos.
 - (d) representam o cotidiano normal.

FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Apresentamos na 4ª questão os tipos de livros preferidos relacionados aos gêneros indicados.

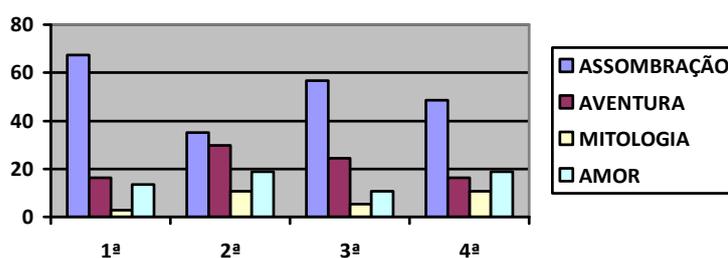
FIGURA 05: RECORTE 4 DO QUESTIONÁRIO

- 4. Prefiro livros sobre:**
- (a) Grandes aventuras
 - (b) História de Amor
 - (c) Histórias de mistério e assombração

FONTE:ARQUIVO PESSOAL

O gráfico abaixo indica as porcentagens das alternativas indicadas como preferidas pelos estudantes.

GRÁFICO 01: GÊNERO PREFERIDO DA TURMA - 8ª



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

O resultado do questionário revela que a preferência da turma está relacionada aos contos fantásticos como observamos em cada questão:

- a) 67,5% dos estudantes marcaram a letra (a) da 1ª questão que está relacionada ao enredo característico dos contos fantásticos, pois segundo as definições teóricas, são narrativas ficcionais que despertam sensações de medo, provocadas por situações de perigo e mistério;
- b) 35,1% dos estudantes marcaram a letra (a) da 2ª questão, indicando a preferência por personagens que apresentam comportamentos misteriosos, são assombrados por fantasmas e vivem experiências sobrenaturais;
- c) 56,7% dos estudantes, marcaram a letra (a) da 3ª questão, revelando a preferência por espaços sinistros que são característicos das narrativas fantásticas e estão presentes, por exemplo, nos videogames de RPGs.

- d) 48,6% dos estudantes marcaram a letra (c) da 4ª questão, indicando a preferência por livros de histórias assustadoras.

As características preferidas são inerentes aos contos fantásticos que despertam o interesse da faixa etária da turma do 8º ano e que também estão presentes em outros tipos de linguagens conhecidas por eles, como as histórias em quadrinhos, os filmes e os jogos eletrônicos.

Considerando o conto fantástico como o gênero preferido da turma, selecionamos a obra “O fantasma de Canterville”, de Oscar Wilde para ser trabalhado na proposta de intervenção a partir das caracterizações e funções do gênero fantástico, assim como a transformação para o gênero dramático.

3.4 Análise do conto : “ O fantasma de Canterville”

Partindo das concepções sobre a literatura fantástica observamos que as definições, as características e temáticas do gênero contribuem para o desenvolvimento do senso estético considerando a leitura integral de uma obra que possibilita a ampliação da experiência literária dos estudantes e favorece as práticas de leitura e escrita na sala de aula.

Zilberman (2008, p.19) afirma que “a leitura acontece quando a imaginação é convocada a trabalhar junto com o intelecto, responsável pelas operações de decodificação e entendimento de um texto ficcional”. Ou seja, o texto é compreendido à medida que o escritor relaciona realidade à imaginação do leitor. A autora cita que Freud relaciona fantasia às atividades de criação. “Freud indica que a fantasia é motivada por desejos insatisfeitos; ela acolhe-os e elabora-os, buscando satisfazê-los por intermédio de processos como o sonho, a imaginação, o devaneio”.

Desse modo, Zilberman explica que a fantasia cria imagens compreensíveis para as informações cotidianas que são acolhidas no imaginário e podem ser relacionadas ao

mundo interior do leitor. É o que podemos perceber no conto O Fantasma de Canterville (1891), de Oscar Wilde que foi selecionado para a intervenção da pesquisa. Apresentamos a seguir, considerações sobre a obra.

3.4.1 O autor e a obra

O Fantasma de Canterville, originalmente, “The Canterville Ghost”, foi publicado pela primeira vez em 1891, quando Oscar Wilde estreia como escritor de contos para adolescentes, quando esse gênero teve grande sucesso nos últimos anos do século XIX.

Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde (1854-1901), autor irlandês que produziu ensaios, poesia e teatro produz o conto *O fantasma de Canterville*, no período em que a Inglaterra foi governada pela rainha Vitória (1837-1901), representando uma época de avanços e inovações. De acordo com Trautmann (2016), Wilde retrata características da sociedade de sua época, a partir da ironia representada pelo fantasma decadente.

O período da era Vitoriana (1832-1901) foi marcado pelo desenvolvimento da indústria, dos meios de transporte e das comunicações em que a Inglaterra conhece um progresso econômico que tem reflexos em sua vida cultural e social. O homem vitoriano não conseguia acompanhar as teorias evolucionistas recém-desenvolvidas, entra em conflito com a religião e começa a perder a confiança no espírito da época. Por volta de 1875, as novas gerações começam a questionar os valores vitorianos, com uma instabilidade econômica representada pela indústria estrangeira, inicia-se então, a decadência dos valores vitorianos.

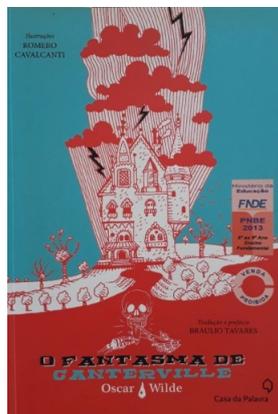
No conto O fantasma de Canterville (1891) existe uma crítica velada à sociedade inglesa decadente, representada pelo fantasma que não admitia a situação pela qual estava passando e mantendo-se firme nas tradições e levando uma vida de aparências. (TRAUTMANN, 2016, p.9)

Nesse contexto, Wilde (1891) aborda a oposição entre a sociedade americana e inglesa mostrando características peculiares de cada país, principalmente no que se refere ao modo como a arte é vista nessas sociedades. O autor destaca a visão materialista dos americanos, caracterizando os personagens como indivíduos consumistas, com uma abordagem crítica e bem-humorada.

Oscar Wilde (1891) também é um dos representantes da literatura sobrenatural, é citado por Howard Phillip Lovecraft em seu ensaio *O horror sobrenatural em literatura* (1927), “A Oscar Wilde (...) deve-se conceder um lugar entre os escritores de linhagem sobrenatural”(p. 1.149),ao analisar o romance “*O retrato de Dorian Grey*”, em que o retrato testemunha a degradação moral do protagonista, submerso em vícios e crimes. Ainda cita a relevância de Wilde como um representante da literatura fantástica quando “depois de seu infortúnio e exílio, tenha decidido em seus últimos dias em Paris a assumir o nome de Sebastian Melmoth” (p.1.115), fazendo referência à obra de horror *Melmoth Wanderer* (1820) de Charles Robert Maturin (1782-1824). Melmoth é um personagem irlandês do século XVII que consegue prolongar, de modo sobrenatural a vida ao preço de sua alma que poderá se salvar convencendo outro, que esteja desesperado e enlouquecido, que queira seu encargo existencial, porém não consegue jamais realizar essa condição. A referência de Oscar Wilde com a temática fantástica existe pela relação do autor com temáticas sobre o conflito de valores inerentes ao homem.

O livro trabalhado na intervenção é uma tradução de Braulio Tavares do ano de 2011, com ilustrações em preto e branco de Romero Cavalcanti que estão dispostas em cada divisão dos capítulos. A obra faz parte do acervo da biblioteca da escola campo de pesquisa que é distribuído pelo Governo Federal através do projeto Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE, 2013).

FIGURA 01: FOTO DO LIVRO UTILIZADO NA INTERVENÇÃO



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

O livro é dividido em sete capítulos, com prefácio de Braulio Tavares que apresenta a trajetória do autor, enfatizando que Wilde critica a literatura dos romances góticos do século XVIII. O fantasma que nas histórias tradicionais, é o grande vilão que aterroriza os vivos, no texto de Wilde fica frustrado por não realizar o seu ofício que é assustar as pessoas.

O enredo narra a história do fantasma do nobre Sir Simon de Canterville que assassinou a esposa na mansão Canterville Chase e passou a ser visto depois de sua morte em 1584. Passados trezentos anos, o fantasma continua a assombrar os moradores da mansão com seus disfarces aterrorizantes.

O personagem principal é o fantasma que representa a tradição inglesa, caracterizado como o nobre culto, intelectual e artista em decadência, sendo ridicularizado pela família dos americanos que desprezam suas encenações.

Ao chegar num pequeno quarto secreto na ala esquerda, ele se encostou sobre um raio de luar enquanto recuperava o fôlego, e começou a analisar a situação em que se achava. Jamais, numa carreira brilhante e ininterrupta de mais de trezentos anos, tinha sido insultado de forma tão grosseira. (WILDE, 2011, p. 31)

Percebemos a indignação do personagem em ser humilhado pelos moradores que não reconhecem o seu valor como artista. Já a família do ministro Otis, típico americano burguês que critica as tradições inglesas, representa a praticidade e comercialismo da vida moderna.

3.4.2 Elementos fantásticos no conto

No conto *O fantasma de Canterville* (1891), o espaço é descrito com elementos que remetem o leitor ao ambiente sinistro com correntes barulhentas, ventania e estrondos que segundo Todorov (1980) “sem acontecimentos estranhos o fantástico não pode nem sequer dar-se”(p 50), isso pode ser observado no seguinte trecho:

Quando entraram na estrada que conduzia a Canterville Chase, no entanto, o céu cobriu-se subitamente de nuvens, o ar tornou-se estranhamente parado, uma revoada de gralhas cortou o céu silenciosamente por sobre suas cabeças e, antes de alcançarem a câs, grossas gotas de chuva começaram a cair. (WILDE, 2011, p.19).

Segundo Felipe Furtado (1980) a descrição é um elemento importante na narrativa fantástica, ele discute que “o emprego regrado e seguro da descrição do cenário” reforça a verossimilhança da ação. É o que podemos perceber no texto de Wilde, onde os espaços sugerem imagens do ambiente fantástico como a mansão que está localizada em área isolada, além dos locais fechados e escuros como, por exemplo, o quartinho em que o personagem Simon foi torturado antes de se tornar um fantasma, que fica escondido e só é revelado no desfecho da narrativa.

Quando Virgínia a tocou, a porta se abriu rangendo nos pesados gonzos, e eles viram um pequeno aposento de teto baixo e abobadado, que tinha apenas uma minúscula janela gradeada. Chumbado na parede havia um grosso anel de ferro, e acorrentado a ele via-se um lúgubre esqueleto,

esticado do corpo inteiro sobre as pedras do piso;parecia estar tentando agarrar, com seus longos dedos descarnados, uma tábua de trinchar carne e um jarro, colocados um pouco além de seu alcance.(WILDE, 2011, p. 81)

Os sentidos produzidos pela linguagem se expressam por meio das palavras, imagens, sons, gestos e movimentos. De acordo com Lúcia Santaella (1983), a Semiótica de Peirce explica que “*compreender, interpretar é traduzir um pensamento em outro pensamento*” (p.11), ou seja, a Semiótica de Peirce criou conceitos para descrever e interpretar linguagens. Desse modo, a descrição de Wilde cria um impacto visual que sugerem imagens do ambiente fantástico, permitindo sua representação por meio da linguagem dramática. Segundo Eliane Pereira (2017), em seu artigo “*O fantasma de Canterville, de Oscar Wilde: A parafernália do humor ou o avesso do terror.*”, o conto se aproxima naturalmente do teatro porque as imagens sugerem a hesitação do leitor entre as sensações de terror e de humor.

O tempo é outro elemento que contribui para a ambientação do fantástico na narrativa, segundo Todorov (1980) o tempo “prolonga-se muito além do que se crê possível”(p.63),ou seja as ações acontecem com lentidão.O fantasma aparece sempre à meia-noite, com as badaladas do relógio. O autor utiliza a técnica do flashback para apresentar as memórias do fantasma quando lembra, “de forma teatral e dramática”, suas aparições fantasmagóricas na mansão de Canterville.

Wilde apresenta detalhadamente os elementos do sobrenatural em diversas passagens que terminam sempre em risos. Entretanto, a partir do quinto capítulo, o autor revela as perturbações na personalidade do protagonista que, em meio às tentativas frustradas em expulsar a família da mansão, mostra-se frágil e deprimido. Os sentimentos são descritos de forma que o leitor percebe a indignação, a profunda tristeza e solidão do fantasma. Segundo Todorov (1980), na narrativa fantástica o protagonista “é uma alma penada que exige para seu repouso o cumprimento de determinada ação”(p54).

Nesse momento, Wilde (2011, p.68) apresenta o encontro do Fantasma com a filha do ministro americano Otis e muda o rumo da narrativa para o trágico. Virgínia sente piedade do fantasma ao descobrir que foi torturado até a morte e assume a responsabilidade de libertá-lo daquele sofrimento. Isso pode ser observado na passagem em que a personagem enfrenta o sobrenatural, cumprindo a profecia que está escrita na biblioteca, para que o fantasma seja perdoado e tenha a sua salvação. “Virgínia estremeceu, um calafrio gelado passou pelo seu corpo, e por alguns minutos os dois ficaram em silêncio. Ela tinha a impressão de estar presa num sonho terrível”.

Nesse trecho, Virgínia sente medo do desconhecido, é a personagem que representa a salvação do fantasma. Tem seu nome relacionado à pureza dos rituais sagrados, simbolizando o elo entre as duas culturas. Segundo Pereira (2017), “somente a filha dos Otis consegue ver a dor de Sir Simon e oferecer-lhe simpatia (no sentido etimológico de “sofre com”)”, ou seja, é a personagem que cumpre a tradição no ritual purificador.

Essa passagem é descrita com elementos que representam a transformação do espaço, “viu que a parede parecia se dissolver devagar, como se fosse uma cortina de névoa”(p.71), levando o leitor a duvidar da veracidade dos fatos. Os capítulos seguintes apresentam a maturidade de Virgínia que convence a família do arrependimento do fantasma e que devem deixá-lo em paz.

Oscar Wilde encerra o conto com uma reflexão sobre os conflitos humanos e remete o leitor ao contexto de sua época em que a sociedade está dividida entre tradição e renovação, por isso o que escreveu continua atual, abordando temáticas que são comuns às relações humanas.

No próximo capítulo, apresentamos a metodologia utilizada com os estudantes do 8º ano da escola campo de pesquisa, observando as etapas da sequência básica literária apresentada por Rildo Cosson (2016), com adaptações nas atividades desenvolvidas com a leitura do conto *O fantasma de Canterville*, de Oscar Wilde.

4. METODOLOGIA

4.1 Sequência básica: leitura e compreensão do conto “ O fantasma de Canterville”, de Oscar Wilde.

A metodologia aplicada tem como aporte teórico a sequência básica adaptada de Rildo Cosson (2016), dividida em duas etapas: a primeira foi o desenvolvimento de estratégias de leitura e compreensão do conto “ O Fantasma de Canterville”, de Oscar Wilde, sendo organizada em dois momentos: leitura do livro e intervalos de leitura.

Iniciamos a sequência básica com a motivação para a leitura, a partir da exibição do vídeoclipe da música “O Fantasma da Ópera”, seguida de comentários sobre os personagens, como estavam se sentindo e outros elementos do vídeo. Em seguida, foi realizada a exibição de imagens de casas antigas e sombrias para a leitura dos alunos sobre o que eles imaginavam sobre aqueles lugares.

FIGURA 06: ETAPA DE LEITURA DO CONTO



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

A imagem apresenta o início do segundo momento em que o livro *O fantasma de Canterville* foi apresentado com informações sobre o autor Oscar Wilde e a realização da leitura integral da obra com os estudantes organizados em círculo. Dividimos o texto em

três momentos de intervalo para a aplicação de questões de compreensão que, para nossa análise, foram organizadas de acordo com as categorias do gênero abordadas nas concepções teóricas. As estudantes com necessidades especiais ficaram no grupo em que os estudantes tinham mais facilidade para a comunicação, as atividades realizadas foram executadas em forma de imagens. Nessa etapa, observamos o critério de caracterização do conto fantástico como gênero literário no que se refere à estrutura e tema. Apresentamos a seguir, uma questão trabalhada em cada intervalo, com as respostas dos estudantes.

QUADRO 1: QUESTÕES E RESPOSTAS DOS INTERVALOS DE LEITURA

QUESTÃO	RESPOSTAS DOS ESTUDANTES
<p>1º intervalo</p> <p>Como foi a primeira aparição do fantasma Sr. Simon Canterville? Como ele é?</p>	<p>“Dentro da mansão no corredor à noite, ele era um velho com um aspecto terrível.” (A.B.)</p> <p>“Foi às 11 horas com um som de correntes metálicas. Tem cabelos brancos grandes, magrelo parecendo uma caveira mesmo.”(J.C.)</p> <p>"Ele preparou para assustar Mr. Otis, mas não conseguiu assustá-lo." (M. E.)</p>
<p>2º intervalo</p> <p>O que foi revelado sobre a história do fantasma?</p>	<p>“O fantasma matou a sua esposa, então os irmãos de sua esposa trancaram o fantasma dentro de um quarto, o prendeu em correntes sem água e sem comida, então ele (o fantasma) morreu de fome” .A.B.</p> <p>“O fantasma morreu de muita fome e muita sede”. M.E</p> <p>"Que ele matou a esposa e sofreu uma punição, por isso os familiares da sua esposa se vingaram e o</p>

	acorrentaram com água e pão, mas não dava para ele alcançar e ele morreu de fome." (M. A.)
<p>3º intervalo</p> <p>Como Virgínia salvou o fantasma?</p>	<p>“O convenceu a se arrepender e Deus o perdoou e depois ela enterrou os ossos dele para completar a salvação.” C.H.</p> <p>“Ela foi até o mundo dele e pediu piedade a morte para poder salvar a alma do fantasma.”(A.B.)</p> <p>“Ajudou a salvar a alma dele e enterrou os ossos dele.” (A.C.)</p>

De acordo com a teoria abordada por Todorov (1980) o gênero fantástico é estruturado no aspecto verbal, sintático e semântico e Felipe Furtado (1980) destaca a descrição dos ambientes como fundamental para a composição da ambiguidade entre real e sobrenatural, observamos que as respostas de compreensão dos estudantes estão estruturadas em sequências descritivas na caracterização do personagem do fantasma como em “ele era um velho com um aspecto terrível.”, identificaram também os elementos naturais na causa do desaparecimento do corpo do Sr. Simon “morreu de fome e sede” e elementos sobrenaturais como “o mundo dele” e “salvar a alma” que estão relacionados ao comportamento da personagem.

Após a leitura integral do livro, o reconhecimento dos elementos que compõem o conto fantástico e a realização das atividades de compreensão dos sentidos do texto, iniciamos a etapa de interpretação com a dramatização do conto que, segundo Cosson (2016) é um processo que consiste na ampliação da apreciação do texto literário a partir de linguagens diversas.

4.2 Oficinas de dramatização do conto

Realizamos esta etapa da sequência com atividades de planejamento para a transformação do conto “O fantasma de Canterville” em texto dramático. O objetivo das oficinas consistiu em integrar o leitor com a obra a partir da utilização de linguagens como as artes visuais e as artes cênicas para a interpretação do texto. Além do planejamento, realizamos a produção do texto teatral e a encenação. As oficinas foram organizadas e desenvolvidas da seguinte forma:

a) Oficina 1: leitura dramática

Desenvolvemos a primeira oficina com a identificação dos elementos do texto teatral com livros da Coleção Literatura em Minha Casa, disponíveis na biblioteca da escola, os estudantes compreenderam a função das rubricas e realizaram as leituras dramáticas em grupos. A atividade permitiu analisar o comportamento dos estudantes na representação das falas, identificando aqueles que tinham maior afinidade com a linguagem teatral.

FIGURA 07: LEITURA DRAMÁTICA NA PRAÇA DA ESCOLA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

O trabalho sobre o reconhecimento das características do texto teatral foi iniciado com a leitura dos livros da biblioteca da escola, da coleção *Literatura em minha casa*, do programa federal *Biblioteca na Escola*. Os livros utilizados foram: *Pluft, o fantasminha* (2002), de Maria Clara Machado; *O fantástico mistério de Feiurinha* (2001), de Pedro Bandeira; *Hoje tem espetáculo no país dos prequetês* (2001), de Ana Maria Machado e *Sonho de uma noite de verão* (2003), de William Shakespeare.

Dividimos a turma em quatro grupos que fizeram uma leitura prévia e apresentaram em forma de leitura dramática para os demais estudantes na pracinha da escola, local escolhido para que os estudantes percebessem a necessidade das alterações na modulação da voz como um elemento importante na dramatização. Em seguida, analisamos a estrutura e os elementos que caracterizam o gênero dramático com atividades de compreensão dos textos lidos. O estudo sobre a função das rubricas foi muito importante para o trabalho com a encenação porque os estudantes entenderam na prática o sentido desse elemento textual, principalmente durante os ensaios.

b) Oficina 2: produção escrita de transformação do conto para o texto dramático

A segunda oficina foi a produção escrita da adaptação do conto para o texto teatral. Após os estudos sobre a caracterização do gênero teatral realizados na oficina anterior, reunimos os estudantes em grupos que identificaram em fichas, os fatos principais de cada capítulo, os principais acontecimentos, os personagens, os espaços em que acontecem as ações e o tempo em que ocorrem os fatos. Após o resumo do conto, os grupos transformaram os resumos em diálogos dos personagens, as rubricas foram inseridas e foi feita a revisão. O texto original sofreu algumas alterações com retiradas e acréscimos para que o encadeamento das ideias ficasse claro, com isso, o texto teatral ficou dividido em seis cenas.

Apresentamos a seguir, os quadros com as partes divididas, comparando o texto original do conto com o texto teatral que foi produzido pelos estudantes. Observamos em cada quadro, as adaptações realizadas e as relações estabelecidas na etapa de compreensão do texto.

QUADRO 02: COMPARAÇÃO DO TEXTO ORIGINAL COM O TEXTO DA CENA 1

TEXTO ORIGINAL	ADAPTAÇÃO
<p>- É o sangue de Lady Eleanore de Canterville, que foi assassinada nesse local pelo marido, Sir Simon de Canterville, em 1575. Sr. Simon ainda viveu nove anos, até que desapareceu repentinamente em circunstâncias misteriosas. Seu corpo nunca foi encontrado, mas seu espírito culpado ainda assombra a mansão. (Wilde, p.20)</p>	<p>Cena 1</p> <p>Lady Canterville (apresenta):</p> <p>Eu sou Leidy Eleanore de Canterville,estou no ano de 1886 e moro no coração da Inglaterra na mansão de Cantervil. Fui a esposa do senhor Simon, e a gente não se entendia muito bem.Até que ele me fez virar uma fantasma.Estou esperando por ele para ficarmos juntos outra vez.</p>

A fala do texto original é da governanta que recebe a família americana na mansão. A cena 1 é uma adaptação do texto original que foi inserido no início da dramatização para justificar a presença da mancha de sangue que fica na biblioteca da mansão e o mistério sobre a verdadeira história do fantasma de Canterville. O ano utilizado na fala da adaptação (1886) refere-se ao ano de publicação do livro. A ideia foi incluir a personagem Lady Eleanore de Canterville situando o público com a atmosfera fantástica.

QUADRO 03: COMPARAÇÃO DO TEXTO ORIGINAL COM O TEXTO DA CENA 2

TEXTO ORIGINAL	ADAPTAÇÃO
<p>De pé na escadaria principal, para recebê-los, estava uma mulher idosa, vestida com apuro num uniforme de seda negra, com gorro e avental brancos. [...] –Dou-lhes as boas-vindas a Canterville Chase. (Wilde,p.19)</p> <p>[...]Mrs.Otis era agora uma bela senhora de meia-idade,com lindos olhos e um notável perfil.[...]Washington,era um jovem diplomata[...]Miss Virgínia era uma jovem de 15 anos,delgada e adorável [...] os gêmeos, chamados de ”estrelas e listras”[...]eram garotos divertidos.</p>	<p>CENA 2</p> <p>(A família aparece e entra a governanta)</p> <p>Governanta (arrumando a biblioteca e recebe a família)</p> <p>Bem vindos a Canterville Chase. Eu sou Umney, a governanta da mansão.</p> <p>Sr. Otis: Esta é Lucrecia Otis,minha esposa; Meu filho mais velho,Washington;Virgínia minha princesa e...onde estão?Venham aqui! Essas são as gêmeas Estrela e Star.</p>

Na cena 2, o texto original permanece com a chegada da família americana que é recebida pela governanta da mansão. A apresentação dos membros da família, feita pelo ministro Sr. Otis é uma adaptação, que no texto original aparece com a mudança da família da América para Canterville Chase. Há ainda a adaptação dos meninos gêmeos para as meninas gêmeas que foram interpretadas pelas estudantes gêmeas da turma.

QUADRO 04: COMPARAÇÃO DO TEXTO ORIGINAL COM O TEXTO DA CENA 3

TEXTO ORIGINAL	ADAPTAÇÃO
<p>Seus olhos eram vermelhos como brasa ardente; cabelos longos e embranquecidos caíam sobre os seus ombros em mechas desgrenhadas; suas roupas, que eram de estilo bem antigo, estavam sujas e rasgadas, e dos seus pulsos e tornozelos pendiam grilhões pesados e cobertos de ferrugem.(Wilde,p.29)</p> <p>Por um momento, o fantasma de Canterville ficou parado, cheio de uma compreensível indignação. (Wilde,p.30)</p>	<p>CENA 3</p> <p>(barulho do relógio à meia noite) Música</p> <p>Fantasma:(Aparece arrastando suas correntes fazendo barulho)</p> <p>Senhor Otis: Meu caro sir, passe um pouco de óleo Lubrificante nessas correntes, vou deixar aqui.</p> <p>Fantasma:(furioso)</p> <p>Nunca em trezentos anos, eu fui tão insultado!Todos sempre morreram de medo de mim!E esses americanos me oferecem óleo e atiram travesseiros!Mas eles vão pagar por isso! (sai)</p>

A cena 3 simboliza a primeira aparição do fantasma para os novos moradores da sua mansão. O fantasma aparece arrastando as correntes, acompanhado com um som de passos caminhando e porta rangendo. As descrições do texto original foram utilizadas na caracterização dos personagens e foi feito um acréscimo da fala do fantasma para representar sua raiva e indignação.

QUADRO 05: COMPARAÇÃO DO TEXTO ORIGINAL COM O TEXTO DA CENA 4

TEXTO ORIGINAL	ADAPTAÇÃO
<p>[...]Virgínia percorria as alamedas em seu pônei, acompanhada pelo jovem Duque de Cecil de Cheshire, que viera passar a última semana de férias em Canterville</p>	<p>CENA 4</p> <p>Cecil (com flores):Com licença,vim conhecer a mansão.</p> <p>Virgínia:Seja bem vindo,Cecil.Estamos aqui com</p>

Chase.(Wilde,p.57)	um mistério para resolver.
--------------------	----------------------------

Na cena 4 há a adaptação da entrada do personagem Cecil, que no texto original aparece cavalgando com Virgínia em um passeio pela mansão. Foi introduzida nessa parte, a chegada de Cecil na mansão para visitar Virgínia.

QUADRO 06: COMPARAÇÃO DO TEXTO ORIGINAL COM O TEXTO DA CENA 5

TEXTO ORIGINAL	ADAPTAÇÃO
<p>[...] Para sua imensa surpresa, contudo, quem estava ali era o fantasma de Canterville em pessoa! (Wilde,p.63)</p> <p>- Pobre, pobre fantasma! –murmurou. -Não tem nenhum lugar onde possa dormir? (p.68)</p> <p>- Você já leu a antiga profecia que está gravada na janela da biblioteca? (p.69)</p> <p>- Não tenho medo – anunciou- e pedirei ao anjo que tenha pena de você. (p.70)</p> <p>Quando abriu os olhos,viu que a parede parecia se dissolver devagar, como se fosse uma cortina de névoa, e diante dela a abertura de uma grande caverna escura.(p.70-71)</p>	<p>CENA 5</p> <p>Fantasma:(Anda e pega uma capa)</p> <p>[...]</p> <p>LADY ELEANOR:(entra falando afastada do fantasma) Meu querido,Simon. Já te perdoei. Agora a profecia precisa acontecer. (sai)[...]</p> <p>Virgínia (entra e vê o fantasma): É o fantasma de Canterville? (ela se aproxima) Sinto muito pelo senhor [...]</p> <p>Virgínia: Pobre fantasma!Você não tem um lugar onde dormir?</p> <p>Fantasma: No bosque tem um jardim,mas preciso de você para me ajudar.Você já leu a antiga profecia que está gravada na janela da biblioteca?</p>

	<p>Virgínia: Não tenho medo! Vou ajudá-lo.</p> <p>Fantasma (ajoelhado, beija a mão de Virgínia): Venha é por aqui.</p> <p>(entram por um portal, música de terror, caveiras aparecem)</p>
--	---

Na cena 5, foi feito um acréscimo da personagem Lady Eleanore, que aparece para revelar a profecia da salvação do fantasma. O encontro de Virgínia com o fantasma mantém os diálogos do texto original e a rubrica final indica a representação do elemento sobrenatural com o sacrifício de Virgínia para salvar o fantasma. O portal foi representado pela abertura dos painéis que representaram as paredes da biblioteca, introduzindo uma música e móveis de caveiras.

QUADRO 07: COMPARAÇÃO DO TEXTO ORIGINAL COM O TEXTO DA CENA FINAL

TEXTO ORIGINAL	ADAPTAÇÃO
<p>[...] Quando deixavam a sala de jantar, o relógio da torre deu meia-noite e, ao soar a derradeira badalada, eles ouviram um estrondo e um grito agudo e repentino; um trovão ensurdecedor se abateu sobre a casa, ouviram-se acordes de uma melodia extraterrena, um painel no topo da escada se abriu com um tremendo ruído, e ali no patamar, muito pálida e muito branca, segurando nas mãos uma pequena caixa, apareceu Virgínia. (p.79)</p> <p>-Deus o perdoou-disse Virgínia gravemente,</p>	<p>CENA FINAL (A família aparece.)</p> <p>Senhora Otis: Vocês sabem de Virgínia? Não a vi hoje. Estou preocupada. Vão procurá-la!</p> <p>Cecil: Senhora Otis, não descansarei até encontrarmos Virgínia. (saem os meninos)</p> <p>[...]</p> <p>(um grande estrondo, todos se assustam e Virgínia aparece com uma caixinha na mão)</p> <p>Virgínia: Eu estive com o fantasma. Ele sente muito pelas suas maldades. E me deu essa caixa com essas lindas jóias antes de morrer. Deus o perdoou. E o</p>

<p>enquanto se punha de pé, e seu rosto parecia iluminado por um clarão misterioso. Que anjo que você é! -exclamou o Duque.(p.81)</p>	<p>fantasma agora está em paz! Não vai assustar mais ninguém.[...]</p> <p>Virgínia: Pobre fantasma! Ele me fez enxergar a força do amor!</p> <p>Cecil: Que anjo você é minha querida.</p> <p>FINAL</p>
---	--

A cena final é uma adaptação da parte em que a família procura por Virgínia, ela aparece de forma sobrenatural e revela a verdadeira história do fantasma.

Após a produção escrita da adaptação teatral, realizamos as leituras dramáticas, selecionando os alunos em equipes de atuação e produção.

FIGURA 08: LEITURA DRAMÁTICA DA ADAPTAÇÃO



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Com a equipe de atuação definida, iniciou-se no segundo semestre, a etapa dos ensaios na sala de aula para a familiarização com as falas e rubricas do texto. Nos momentos dos ensaios os estudantes compreenderam que seria necessário entender os sentimentos de cada fala, sugerindo acréscimos de objetos para as cenas, elementos do cenário e figurino que contribuíram para o desenvolvimento da atuação. As músicas foram

selecionadas de acordo com o enredo, tais como as do século XIX que representaram a época do Romantismo gótico.

c) Oficina 3: caracterização dos personagens

Realizamos a oficina de caracterização dos personagens com os estudantes divididos em grupos, onde confeccionaram os acessórios dos cenários e dos personagens utilizando como base as imagens e descrições do texto original. A interação entre os grupos ocorreu à medida que trocavam ideias buscando soluções para a representação do imaginário.

FIGURA 09: CARACTERIZAÇÃO DO FANTASMA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

O grupo da figura acima caracterizou o fantasma de Canterville, confeccionaram as correntes e a armadura utilizando papelão, cartolina, fita, cola e outros materiais.

FIGURA 10: CARACTERIZAÇÃO DOS ACESSÓRIOS DA FAMÍLIA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

A imagem registra a caracterização dos objetos utilizados pela família americana, como por exemplo, a cartola do pai Sr. Otis utilizando cartolina e o Detergente Exemplar utilizado por Washington para remover a mancha de sangue, utilizando um pote reciclável de hidratante coberto com papéis coloridos.

Após esta etapa, iniciamos os ensaios com os materiais confeccionados nas oficinas.

d) Oficina 4: ensaios das falas e marcações do texto

FIGURA 11: ENSAIO DO ENCONTRO DE VIRGÍNIA COM O FANTASMA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Os ensaios foram realizados no horário das aulas apenas com o grupo de atuação. Durante esta etapa foi observado que os estudantes compreenderam que seria necessário entender os sentimentos e entonação de cada fala, assim como compreenderam as marcações de posicionamentos de cada personagem nas cenas. A figura registra o ensaio das falas do fantasma com Virgínia na cena de sua salvação, os estudantes utilizaram cópias do texto produzido, assim como o painel que marca o espaço da biblioteca da mansão. Durante esta etapa a trilha sonora foi selecionada de acordo com o enredo, observando os momentos em que deveriam ser introduzidas. Foram escolhidas as músicas do século XIX que representaram a época do Romantismo gótico, assim como trilhas sonoras de vídeo games com narrativas fantásticas e trilhas de adaptações do conto.

e) Oficina 5: divulgação da peça na escola

Para a divulgação da peça foi realizada uma atividade para seleção do melhor texto, que foi confeccionado na oficina de caracterização.

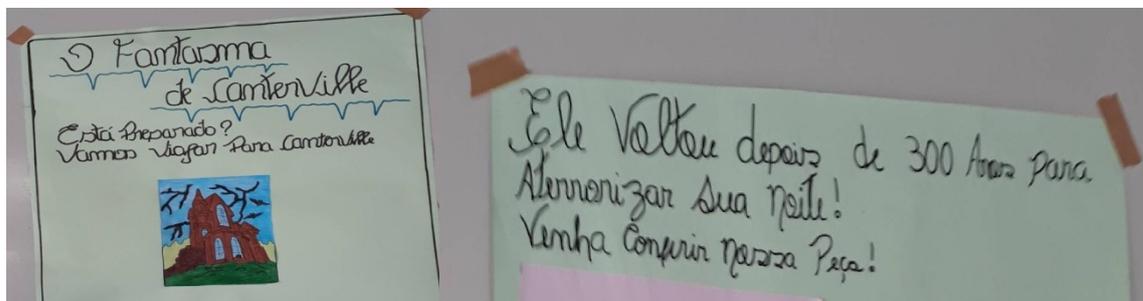
FIGURA 12: ATIVIDADE DE INCLUSÃO



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

As estudantes portadoras de necessidades especiais ficaram responsáveis pelas ilustrações dos cartazes de divulgação da peça, realizadas com as imagens do próprio livro. Como não tinham acompanhamento de intérprete de libras, a proposta da atividade foi desenvolvida a partir da colaboração dos colegas de classe que identificavam alguns sinais de libras e mantinham uma comunicação regular com as estudantes.

FIGURA 13: TEXTOS DOS CARTAZES DE DIVULGAÇÃO



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Os cartazes foram expostos no pátio da escola duas semanas anteriores à data da peça. Observamos que o texto do primeiro cartaz “Está preparado? Vamos viajar para Canterville?” apresenta elementos do fantástico como no trecho “Está preparado?”, que faz uma referência ao mistério envolvido na história do fantasma. Já no trecho “Vamos viajar para Canterville?”, há uma referência ao espaço em que o conto acontece e também uma interação com o leitor quando é convidado para embarcar na viagem da história que será contada. O texto do segundo cartaz complementa a atmosfera fantástica da história com elementos como “aterrorizar”, criando uma expectativa nos leitores.

Em seguida, a turma organizou os últimos preparativos para encenação como figurino e maquiagem.

4.3 Encenação : adaptação do conto *O fantasma de Canterville*.

A encenação ocorreu no horário da manhã, no pátio da escola de campo de pesquisa, no dia 31 de outubro de 2018, tendo como público, professores, gestores e estudantes dos oitavos e nonos anos do Ensino Fundamental. A equipe de atuação foi composta por dez estudantes, no apoio participaram quatro estudantes, quatro estudantes na maquiagem, uma estudante ficou responsável pela gravação das cenas e os demais ficaram na organização do cenário, som e figurinos.

Considerando que Felipe Furtado (1980), define a descrição como um elemento que reforça a verossimilhança das narrativas fantásticas quando reproduzem a realidade e a imaginação, reproduzimos a biblioteca como o espaço do cenário e fizemos adaptações dos figurinos nas caracterizações dos personagens.

Organizamos no dia anterior o local para a apresentação da peça, colocamos cortinas no lado do pátio que dá acesso à biblioteca da escola simbolizando o palco de

teatro, o cenário foi composto por uma mesa e pelos painéis que foram ornamentados pelos estudantes representando as paredes da biblioteca da mansão.

No dia da apresentação os estudantes, organizaram-se na biblioteca da escola, com as equipes definidas para maquiagem, produção do cenário e figurinos. O texto foi anexado ao painel e quatro estudantes ficaram no apoio durante as cenas. Outra equipe de alunos organizou os equipamentos de som e microfones.

A abertura da peça foi realizada com a apresentação da direção da escola e da professora comentando sobre a realização da pesquisa, em seguida três alunos da turma acompanhados pelo fundo musical “Beethoven’s 5 secrets” de One Republic, interpretada por The Piano Guys, fizeram a leitura de informações sobre o livro “O fantasma de Canterville” e sobre o autor.

A cena 1 é a entrada do fantasma de Lady Eleanore de Canterville que foi assassinada por seu esposo Sr. Simon de Canterville. Para situar o público com a atmosfera de mistério foi introduzida a música gótica “The sealed kingdom”, de Adrian Von Zieger.

FIGURA 14: ENTRADA DE LADY DE CANTERVILLE



FONTE; ARQUIVO PESSOAL

A personagem Lady Eleanore de Canterville foi caracterizada com a imagem de fantasma representando a sua fala “*Fui a esposa do senhor Simon, e a gente não se*

entendia muito bem. Até que ele me fez virar uma fantasma”. A estudante utilizou uma túnica de tecido leve simbolizando a levitação do fantasma, com cabelos esvoaçantes e palidez do rosto e olhos pretos. Observamos aqui a representação que os estudantes apresentaram sobre fantasma, que segundo H.P. Lovecraft (1927), são personagens que existem desde a Idade Média e tornaram-se característicos da narrativa fantástica com o surgimento do romance gótico no século XVIII.

A cena 2 é a chegada da família do ministro americano Sr. Otis que comprou a mansão mesmo sabendo das histórias sobre o fantasma. A entrada dos membros da família foi acompanhada da música “*New York, New York*” interpretada por Frank Sinatra, simbolizando a cultura dos Estados Unidos.

FIGURA 15: FAMÍLIA AMERICANA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Nesta cena, os estudantes representam a remoção da mancha de sangue com a fala de Washington: “*Que absurdo! O super removedor de manchas Detergente Exemplar vai limpá-la. (passando o produto) Bem que eu disse!*”. Observamos aqui a caracterização com os objetos que foram confeccionados nas oficinas e os figurinos que representam os membros da família americana:

a) Sr. Otis, o pai da família, caracterizado com uma cartola com as cores da bandeira dos Estados Unidos e roupas formais;

b) senhora Otis, a mãe da família, usando um vestido rosa, um lenço e jóias simbolizando seu estilo elegante;

c) Virgínia, a filha adolescente, com lenço amarelo e vestido juvenil e singelo;

d) as crianças gêmeas Estrela e Star, caracterizadas com boinas brancas infantis, óculos dourados, vestidas com blusas brancas, meias azuis e saias vermelha e azul que simbolizaram as cores da bandeira americana;

e) Washington, o filho diplomata, que foi representado com uma maleta preta com o Detergente Exemplar;

f) a governanta, senhora Umney, caracterizada com touca e avental brancos e roupas pretas.

Identificamos que as representações se aproximaram das descrições do texto original com adaptações no figurino. Na sequência os personagens saem para dormir acompanhados pela música “Enchanted ballroom”, preparando o público para a próxima cena.

FIGURA 16: APARIÇÃO DO FANTASMA DE CANTERVILLE



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

A figura 15, representa a cena da primeira aparição do fantasma de Canterville que tenta aterrorizar o Sr. Otis e as gêmeas à noite. Para esse efeito, utilizamos sons de passos,

do musical “Um cuento musical - El Fantasma” de Cibrián e Mahler, que é um musical argentino inspirado no conto de Oscar Wilde.

FIGURA 17: MAQUIAGEM DO FANTASMA DE CANTERVILLE



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

A caracterização do fantasma foi feita pelo próprio aluno que representou a ideia do fantasma cadavérico com a maquiagem de palidez do rosto e escurecimento dos olhos e boca, utilizou o figurino com roupas e botas pretas, a capa que simboliza o disfarce de vampiro, completando com uma peruca branca e as correntes confeccionadas nas oficinas.

FIGURA 18: VIRGÍNIA E O FANTASMA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

A figura representa o momento do encontro do fantasma com Virgínia, para esta cena introduzimos a música *The vampire squared*. É o momento em que Virgínia ajuda a realizar a profecia de salvação do fantasma com as seguintes falas:

Quadro 08: TRECHO DO TEXTO PRODUZIDO PELOS ESTUDANTES.

Fantasma: Você deve chorar comigo pelos meus pecados porque não tenho lágrimas e rezar comigo porque não tenho fé e assim serei perdoado pelo mal que fiz a minha esposa. E ficarei livre.

Virgínia: Não tenho medo! Vou ajudá-lo.

Fantasma (ajoelhado, beija a mão de Virgínia): Venha é por aqui.

(entram por um portal com música de terror e caveiras aparecem)

(Adaptação do conto “O fantasma de Canterville”, 2018)

A fantasma Lady de Canterville declamou a profecia causando o efeito de sobrenatural com o fundo musical do videogame *Bloodborne*, um jogo eletrônico lançado em 2015 que tem como cenário uma cidade gótica repleta de horrores. Enquanto a profecia era declamada ouvia-se apenas a voz da personagem e o fundo musical. Lady declamava: Quando uma menina de cabelos dourados/ fizer rezar os lábios cheios de pecado;/ Quando a velha amendoeira der frutos, por encanto,/ e uma criança oferecer seu pranto;/ Então uma paz como nunca se viu/ poderá reinar em Canterville.

FIGURA 19: REPRESENTAÇÃO DO SOBRENATURAL



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

A figura registra a ideia utilizada para criar o efeito de entrada no mundo sobrenatural, os alunos abriram os painéis, introduzimos primeiro mais uma música do game “Bloodborne chamada “The witch of them wick”, situando o efeito do mistério, em seguida surgiram as caveiras articuladas, acompanhadas da música “Ameno”, de Era que refere-se à libertação, simbolizando a representação das relações entre a realidade e a imaginação, provocando reflexões a partir do comportamento da personagem Virgínia que vence seus medos enfrentando o desconhecido, assim como o comportamento do fantasma que vivencia a angústia, mas compreende que a compaixão seria sua salvação. Todorov (1980) define a dualidade desses sentimentos, positivos e negativos como uma das principais funções sociais da narrativa fantástica.

FIGURA 20: CENA FINAL



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

A cena final representada na figura, foi uma adaptação com o acréscimo do encontro da personagem Lady de Canterville com o seu esposo Sr. Simon que promete deixar a família em paz. Para o momento final, introduzimos a música de “Um cuento musical - El Fantasma” de Cibrián e Mahler.

O desfecho do texto original apresenta a mensagem sobre os valores humanos na fala de Virgínia, a personagem responsável pela salvação do fantasma: “Ele me fez enxergar o que a Vida realmente é, o que significa a Morte, e por que o Amor é mais forte do que os dois.” (Wilde, p.91). A mensagem sobre perdão da esposa, a união do casal e a paz entre o fantasma e a família americana foram interpretados pela reconciliação do casal de fantasmas, mantendo a mensagem da necessidade do amor para a convivência harmoniosa entre os povos.

FIGURA 21: O PÚBLICO



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

O público interagiu captando as intenções pressupostas pelo roteiro, estabelecendo o entendimento do texto a partir do encadeamento das ideias que foi observado com as reações às ironias com risadas, nos momentos de suspense com silêncio, mantendo o respeito diante das falhas dos estudantes e com muitos aplausos no momento de agradecimento da turma que foi acompanhado da música “Happy, de Pharrel Williams expressando a alegria na realização da atividade.

4.4. Portfólio: registro da aprendizagem

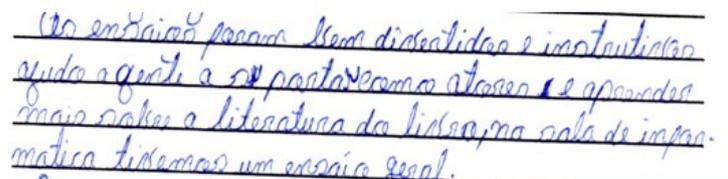
Considerando a orientação de Rildo Cosson (2016) sobre a avaliação da interpretação do texto literário que, segundo o autor, o mais importante é a socialização do que foi compreendido na leitura, definimos o portfólio como registro da aprendizagem da

sequência desenvolvida, visto que é um instrumento de acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem.

O portfólio intitulado como “*Experiências Literárias*” correspondeu ao registro das produções realizadas durante a realização do projeto. Nele foram arquivadas as atividades desenvolvidas: o questionário, as fichas dos intervalos de compreensão, as produções escritas da adaptação para o texto teatral, fotos e a produção de relatos com as impressões dos estudantes sobre o trabalho realizado durante todo o processo.

Fizemos um recorte de dois relatos, observando as impressões pessoais sobre as aprendizagens adquiridas no projeto.

FIGURA 22: RECORTE DE RELATO (M.A.)



Os ensaios foram bem divertidos e instrutivos, ajudou a gente a se portar como atores e aprender mais sobre a literatura do livro, na sala de informática tivemos um ensaio geral.

FONTE: ARQUIVO PESSOAL

No relato acima: “Os ensaios foram bem divertidos e instrutivos, ajudou a gente a se portar como atores e aprender mais sobre a literatura do livro, na sala de informática tivemos um ensaio geral”, observamos as impressões do estudante sobre a etapa dos ensaios da peça que ele considerou um momento “instrutivo” pelo conhecimento adquirido nas marcações de fala, além de registrar o aprendizado sobre “ a literatura do livro”, compreendemos que o estudante refere-se ao entendimento do livro como um todo, ao seu envolvimento com as personagens à medida que se integrava aos sentimentos que deveriam ser interpretados.

FIGURA 23: RECORTE DE RELATO (M.J.C.)

A minha participação na peça foi muito especial para mim mesma e ainda mais por que eu ainda não tô acreditando no que fiz e a minha grande surpresa é que gostei muito mesmo e tô até pensando em montar um canal na Internet por causa da peça aqui

FONTE: ARQUIVO PESSOAL

O relato: “ A minha participação na peça foi muito especial para mim mesma e ainda mais por que eu ainda não estou acreditando no que fiz. A minha grande surpresa é que gostei muito mesmo e estou até pensando em montar um canal na Internet por causa da peça”, da estudante M.J.C. que interpretou a personagem Lady Canterville, revela as impressões sobre a sua participação na peça, ressaltando suas dificuldades e conquistas “ ainda não tô acreditando no que fiz” e ainda sugere outra atividade relacionada à interação com o público.

Os estudantes registraram maior interesse pelas oficinas de caracterização e pelos ensaios que são justificadas pelo que os Parâmetros Curriculares de Pernambuco de Língua Portuguesa (2012, p.95) apresentam sobre as práticas de “leituras protagonizadas” que são ressignificadas à medida que há integração entre leitor e texto.

FIGURA 24: EXPOSIÇÃO DOS PORTFÓLIOS



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Os portfólios foram organizados em pastas, doadas pela professora-pesquisadora, as capas foram produzidas pelos estudantes que colocaram suas fotos ou imagem relacionada ao conto trabalhado. Para a exposição, organizamos um painel com algumas fotos das oficinas e da encenação. Os portfólios ficaram expostos na biblioteca da escola durante uma semana para apreciação das demais turmas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto fantástico é uma narrativa que evidencia a dualidade entre o real e o irreal fazendo parte do imaginário dos jovens leitores por meio de diversas linguagens. É um gênero literário que envolve o leitor com acontecimentos desconhecidos pelas razões naturais e que possibilita a explicação desses fatos pelo sobrenatural.

Considerando o exposto nas concepções teóricas em relação aos aspectos sintáticos que estruturam o conto fantástico, analisamos que o trabalho com o gênero em sala de aula a partir da leitura do conto *O fantasma de Canterville*, contribuiu para o desenvolvimento das competências leitoras dos estudantes à medida que reconheceram a descrição como elemento fundamental que reforça a verossimilhança com a caracterização da ambientação fantástica, assim como identificaram narrador, personagens, tempo, espaço e enredo que apresentaram, gradativamente, a complexidade da leitura.

Observamos também que os estudantes reconheceram as categorias do fantástico no que se refere à caracterização do gênero, como a composição, o estilo e a temática abordada na obra. A exemplo disso, apresentamos no quadro 1 as questões das atividades dos intervalos de leitura, nos quais as respostas dos estudantes sinalizam o reconhecimento desses critérios de caracterização do gênero.

Compreendemos que a leitura sistematizada com as estratégias realizadas na sequência de compreensão do conto despertaram o envolvimento dos estudantes com o livro, visto que foi o gênero escolhido pela maioria da turma, possibilitando a prática mais perto da realidade do estudante, que estabeleceram diálogos com o texto nos momentos dos intervalos das leituras.

Em relação à semântica, identificamos no conto trabalhado temáticas relacionadas à percepção sobre o mundo, estabelecendo a integração do leitor com a obra como, por exemplo, os transtornos da personalidade humana relatados pelo personagem Sir Simon que levam a reflexões sobre os dilemas da realidade e exploram as patologias mentais. É o que identificamos na segunda etapa da metodologia com a realização das oficinas de interpretação do conto.

Os resultados das oficinas apresentam a integração dos estudantes com a obra à medida que foram assimilando os sentidos do texto para a representação do imaginário que ocorreu durante o processo de produção textual, a caracterização dos personagens e dos ambientes, os ensaios das falas, a representação dos comportamentos conflituosos, a seleção das músicas, a divulgação a partir da linguagem visual e a encenação do texto produzido pelos estudantes.

Percebemos que a atividade de transformação do conto para o texto teatral demandou tempo na produção escrita pela complexidade do texto dramático, identificamos estudantes com dificuldades na construção da estruturação do texto teatral. Observamos que a participação dos estudantes nas atividades das oficinas de caracterização dos personagens foi muito significativa, em grupos realizaram as tarefas atribuídas de acordo com suas funções na encenação da peça, entendendo as intenções do texto para transformá-las em representação teatral.

Observamos desse modo, que as experiências com a leitura literária favoreceram o desenvolvimento do senso estético, à medida que a leitura integral da obra possibilitou a compreensão dos vários sentidos do texto, além da identificação dos leitores com as personagens, sendo papel do professor, nesse sentido, mostrar os caminhos para que os estudantes tenham condições de fazer boas escolhas literárias. A produção dos portfólios registram o envolvimento dos estudantes com todo o processo de intervenção, sendo possível observar critérios para repensar as estratégias que não tiveram resultados satisfatórios, assim como replicar as ações exitosas em outras turmas.

Concluimos que o trabalho realizado em sala de aula com o conto fantástico proporcionou a interação entre a obra e o leitor, sendo possível orientar atividades reflexivas e interativas com os estudantes, valorizando a literatura nos anos finais do Ensino Fundamental.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Pedro. **O fantástico mistério de Feurinha**. Pedro Bandeira; ilustrações de Avelino Guedes. – 1ª ed. –São Paulo: FTD,2001.(Coleção Literatura em Minha Casa; v5)

CAMARANI, Ana Luiza Silva. *A Literatura fantástica: caminhos teóricos*/ Ana Luiza Silva Camarani. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CLARA MACHADO, Maria. **Pluft, o fantasma**. Maria Clara Machado; ilustrações de Sergio Kon. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002. .(Coleção Literatura em Minha Casa; v5)

COLOMER, T., & Sandroni, Tradução Laura Sandroni. *Andar entre livros:a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

COLOMER, Teresa & Sandroni, Tradução Laura Sandroni. *A formação do Leitor Literário:narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário:teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2016.

COSSON, Rildo.*Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2018.

CUPERTINO, Edson Ribeiro. **Vamos jogar RPG? Diálogos com a literatura, o leitor e a autoria**. Dissertação de Mestrado.FFLCH/USP, São Paulo, 2008.

EDUCAÇÃO, Ministério da. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em:<basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf>Acesso em 2018.

EDUCAÇÃO, Ministério da. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa>>Acesso em 2019.

LOVECRAFT, H.P. **Grandes Contos**. Tradução: Alda Porto/ Vilma Maria da Silva/ Lenita Rimoli Esteves/ Paulo Cezae Castanheira. São Paulo: Martin Claret, 2015.

MACHADO, Ana Maria. **Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés**. Ana Maria Machado; ilustrações de Gerson Conforti.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (Literatura em Minha Casa;5)

MAGALDI, Sábato,1927-**Panorama do teatro brasileiro/** Sábato Magaldi.3ªed.- São Paulo: Global, 1997.

MEI, Leila Aparecida Keller. **O conto fantástico para o letramento literário: uma ferramenta para a formação do leitor competente/crítico**. Londrina, 2014.

PÁGINAS de sombra: contos fantásticos brasileiros/seleção e apresentação Bráulio Tavares; ilustração Romero Cavalcanti - Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

PEDAGOGIA do Teatro [recurso eletrônico]: prática, teoria e trajetórias de formação docente/ organizadores Lucineia Contiero, Fernando Freitas dos Santos, Matheus Vinícius de S.Fernandes. – Natal, RN:EDUFRN, 2018.[<http://repositorio.ufrn/vários autores>.)

PEREIRA, Eliane Fittipaldi. **O Fantasma de Canterville, de Oscar Wilde: A Parafernália do Humor ou o Averso do Terror**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/2017>>Acesso em 2018.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: ensino fundamental/** Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação; coordenação Ana Coelho Vieira Selva, Sônia Regina Diógenes Tenório; apresentação Frederico Costa Amâncio, Maria Elza da Silva. –Recife: A Secretaria, 2019.

PERNAMBUCO, Secretaria Estadual de. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio**. Recife,2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivantina: ensaios/**Leyla Perrone-Moisés – São Paulo: Companhia das Letras,1990.

RETRATOS da leitura no Brasil 4/Organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro:Sextante 2016.Disponível<http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_livro_em_pdf_final_com_capa.pdf>Acesso em:2019.

RIBEIRO, Emílio Soares. **Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce**. Estudos semióticos. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es_i>. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 1, São Paulo, junho de 2010, p. 46–53.

ROUBINE, Jean-Jacques,1939-1990.**Introdução às grandes teorias do teatro**/ Jean-Jacques Roubine; tradução André Telles.-Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. Coleção: Primeiros Passos. Editora Brasiliense. Livro digitalizado e formatado por PDL: Projeto Democratização da Leitura. Disponível em:< www.portaldetonando.com.br>. Acesso em 2018.

SHAKESPEARE, William, 1564-1616. Sonhos de uma noite de verão. William Shakespeare;Tradução e Adaptação Walcyr Carrasco; ilustrações Odilon Moraes. -1ª ed. – São Paulo: Global, 2003. .(Coleção Literatura em Minha Casa; v 4. Peça teatral)

SILVA, Denise Oliveira da. **A genialidade de Oscar Wilde em O fantasma de Canterville**.Ao pé da letra,3.1:47-51, 2001.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Tradução Cláudia Schilling-6ªed. Porto Alegre, Artmed, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 1980.Disponível em:< <http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>>Acesso em 2018.

TRAUTMANN, Rafaela Aparecida de Campos. **A representação da crítica social nas adaptações infantojuvenis de O fantasma de Canterville, de Oscar Wilde**.Trabalho de Conclusão de Curso.UTFPR,Pato Branco, 2016.

WILDE, Oscar. **O Fantasma de Canterville**. Oscar Wilde. Tradução Bráulio Tavares. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica nº 14, dez/2008.

6.1 REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

AMON. Ryan. **Boodborne Soundtrak- OST- Omen**. Ryan Amon. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cKk6XqcmB4Q&t=6s/bloodborneostomen>>. Acesso em 2018.

CIBRIÁN. Pepe. Mahler. Ángel. **El Edén**. Pepe Cibrián – Ángel Mahler. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JoCmZSwrTc&list=RDJ0CmZwrTc&startradaio=1&=23/umcuentomusical.elfantasma/cibriánemahler>>. Acesso em 2018.

ERA. **Ameno**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RKZkekS8NQU&ab-channel=ERA>>. Acesso em 2018.

GUYS. The Piano. **Beethoven's 5 secrets**. One Republic. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dcd6vk7k-0/beethoven's5secrets/thepianoguys>>. Acesso em 2018.

MAHLER. Cibrián. **Susto I. El fantasma the Canterville**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/umcuentomusical.elfantasma/cibriánemahler>>. Acesso em 2018.

MUSIC. Gothic Waltz. **Dark Vampire Music- The Vampire Masquerade**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dunofnad59q/darkvampiremusicthevampiremasquerade/waltzmusic>>. Acesso em 2018.

MUSIC. Gothic Waltz. **Enchanted Ballroom**. Fantasy & World Music by the Fiechers. Disponível <<https://www.youtube.com/watch?v=en1dffxfgsq&t=6s/gothicwaltzmusic/enchantedballroom>>. Acesso em 2018.

SINATRA. Frank. **New York New York** (instrumental). Disponível em: <<https://www.youtube.com/philsmusic1000/franksinatra/newyorknewyork/instrumental>> Acesso em 2018.

WANDMACHER. Michael. **Bloodborne OST- The Witch of Hemwick**. Michael Wandmacher. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=fl5j9uemzri&list=plkzg0deoajd-cgzoespvgdgpfa18s2as-&index=11/bloodborneost-thewitchofhemwick>>. Acesso em 2018.

WILLIAMS. Pharrell. **Happy (Official Music Video)**. Get Pharrell's album Girl Itunes. Disponível <<https://www.youtube.com/watch?v=bsg108qkru/happy/pharrellwilliams/officialinstrumental>>. Acesso em 2018.

ZIEGLER. Adrian Von. Dark Music. **The Sealed Kingdom**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/adrianvonziegler.bandcamp.com/album/the-completediscography>>. Acesso em 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE 01: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Convidamos V.Sa. a participar da pesquisa **O Conto Fantástico na Formação do Leitor Literário do Ensino Fundamental** sob responsabilidade da pesquisadora Tâmara Viviane Oliveira Leite orientada pelo Professor Dr. Jairo Nogueira Luna, tendo por objetivo investigar os processos para o desenvolvimento da formação do leitor nos anos finais do Ensino Fundamental, integrando literatura e teatro. Para realização deste trabalho usaremos os seguintes métodos: aplicação de um questionário de múltipla escolha para a identificação das preferências sobre os tipos de contos; desenvolvimento de uma sequência didática com um conto fantástico; realização de oficinas literárias; encenação de uma adaptação do conto estudado. Esclarecemos que manteremos em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem o nome do sujeito da pesquisa usando para divulgação, os dados inerentes ao desenvolvimento do estudo, fotos das produções e filmagem da peça teatral. Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são desenvolver a leitura e compreensão de textos literários. O (A) senhor (a) terá os seguintes direitos: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); a garantia de que em caso haja algum dano ao seu dependente, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável. Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador. Nos casos de dúvidas e esclarecimentos o (a) senhor (a) deve procurar a pesquisadora Tâmara Viviane Oliveira Leite, residente à Rua Arthur Cordeiro Leite, Sanharó, telefone 87-991917546. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco, localizado à Av. Agamenon Magalhães, S/N, Santo Amaro, Recife-PE, telefone 81-3183-3775 ou ainda através do email comite.etica@upe.br. Consentimento Livre e Esclarecido.

Eu _____, responsável por _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida, exceto dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador. Sanharó,

___/___/2019

Assinatura do responsável

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE 02: QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

- Marque com um (X) apenas uma resposta em cada questão.

1. Prefiro histórias que:

- (a) despertem sensações de medo e horror, provocadas por situações de perigo e mistério.
- (b) apresentam grandes desafios diante de grandes perigos.
- (c) explicam a origem e o destino da humanidade e os fenômenos da natureza.
- (d) falam de casais apaixonados que precisam vencer obstáculos antes de ficar juntos.

2. Prefiro histórias com personagens que:

- (a) são misteriosos e são assombrados por fantasmas e monstros e vivem experiências extraordinárias.
- (b) são corajosos, inteligentes, habilidosos e determinados para vencer os desafios que surgem.
- (c) são considerados exemplos de superação e perfeição moral como deuses e heróis.
- (d) vivem uma história de amor e vencem desafios para ficar juntos.

3. Prefiro histórias com lugares que:

- (a) são misteriosos, escuros, antigos e têm um clima assustador.
- (b) oferecem grandes desafios aos personagens.
- (c) são sagrados, divinos e opostos aos seres humanos.
- (d) representam o cotidiano normal.

4. Prefiro livros sobre:

- (a)Grandes aventuras
- (b)História de Amor
- (c)Histórias de mistério e assombração

APÊNDICE 03: ATIVIDADE DO PRIMEIRO INTERVALO DE LEITURA

I INTERVALO DE LEITURA

O fantasma de canterville

Capítulos: I, II e III.

- ❖ Mr. Otis compra uma mansão sabendo que é mal-assombrada. Por que ele não ficou preocupado com essa informação?

- ❖ Você tem medo de fantasmas? Compraria essa casa?

- ❖ Quem faz parte da família Otis?

- ❖ Como foi a primeira aparição do fantasma Sr. Simon Canterville? Como ele é?

- ❖ O fantasma lembra as suas aparições em outras épocas. Qual é a mais assustadora, para você?

- ❖ São sinônimos de **frustrado**:
decepcionado, desapontado, desiludido, abatido, deprimido, desalentado.

O fantasma não consegue assustar ninguém daquela família. E sente-se frustrado. Você acha que ele merece sentir-se assim? Ou as pessoas dessa família estão sendo más com ele?

APÊNDICE 04: ATIVIDADE DO SEGUNDO INTERVALO DE LEITURA

II INTERVALO DE LEITURA

O fantasma de canterville

Capítulos: IV e V

- ❖ Como Virgínia agiu com o fantasma? O que ela fez? Como ela se sentiu quando conheceu a verdadeira história do fantasma?

- ❖ O que foi revelado sobre a história do fantasma? O que realmente aconteceu com ele?

- ❖ Virgínia resolve ajudar e libertar o fantasma. Como você acha que ela irá fazer isso?

- ❖ Observe a imagem.



Ajudar as pessoas é uma atitude positiva. Você já precisou da ajuda de alguém? Escreva como você se sentiu.

APÊNDICE 05: ATIVIDADE DO TERCEIRO INTERVALO DE LEITURA

III INTERVALO DE LEITURA

O fantasma de Canterville

Capítulos: VI e VII

- ❖ Como Virgínia salvou o Fantasma?

- ❖ No capítulo final, Virgínia fica com as joias do Fantasma, casa-se com o duque anos depois, volta a mansão e vai ao jardim. Qual é a lembrança que Virgínia tem do fantasma?

- ❖ Marque sua avaliação sobre o livro e justifique sua resposta.



APÊNDICE 07: TEXTO PRODUZIDO PELOS ALUNOS: ADAPTAÇÃO DO CONTO
PARA PEÇA TEATRAL

PEÇA TEATRAL
O FANTASMA DE CANTERVILLE
ADAPTAÇÃO DO TEXTO DE OSCAR WILDE

CENA 1

LADY CANTERVILLE (apresenta): Eu sou Lady Eleanor de Canterville, estou no ano de 1886 e moro no coração da Inglaterra na mansão de Canterville. Fui a esposa do senhor Simon, e a gente não se entendia muito bem. Até que ele me fez virar uma fantasma. Estou esperando por ele para ficarmos juntos outra vez. Fiquem atentos, pois uma família americana vai aborrecer meu esposo e eu vou ficar só observando o que acontecerá com o Fantasma de Canterville!

(O ministro Sr. Otis aparece com o Lorde Canterville fazendo a compra da mansão.)

LORDE: Sr. Otis tem certeza que vai comprar a mansão? Não tivemos interesse em morar aqui desde que minha tia avó ficou aterrorizada. O fantasma já foi visto por muitos da minha família!

SR. OTIS: Caro, Lorde. Comprarei o fantasma também. Venho de um país moderno, não acredito nessas bobagens! *(assina o contrato)*

LORDE: O fantasma existe de verdade! Ele está aqui por trezentos anos... Depois não diga que não avisei.

SR OTIS:Então,já que fechamos o negócio, vou buscar a minha família.(sai)

CENA 2

(A família aparece. e entra a governanta)

GOVERNANTA *(arrumando a sala e recebe a família)*: Bem vindos a Canterville Chase.Eu sou Umney, a governanta da mansão.

SR. OTIS:Esta é Lucrécia Otis, minha esposa; meu filho mais velho,Washington;Virgínia minha princesa e...onde estão?Venham aqui! Essas são as gêmeas: Estrela e Star.

SRA. LUCRÉCIA OTIS *(olhando para o chão)*:Alguma coisa foi derramada aqui.

GOVERNANTA: Sim, senhora. É o sangue da Lady Eleanor de Canterville que foi assassinada bem aqui pelo seu marido, Senhor Simon, em 1575. Ele desapareceu misteriosamente nove anos depois. Seu corpo nunca foi encontrado, mas ainda assombra essa casa.

WASHINGTON: Que absurdo! O super removedor de manchas Detergente Exemplar vai limpá-la.*(passando o produto)* Bem que eu disse!

(Um trovão e a governanta desmaia)

SENHORA OTIS: O que podemos fazer com alguém que desmaia assim?

SENHOR OTIS: Desconte o desmaio do salário dela.

GOVERNANTA: *(levantando e assustada)*: Eu tenho visto coisas que vocês ficariam arrepiados.

SENHOR OTIS: Não se preocupe, não temos medo de fantasma algum.Vamos dormir.

(entregam as blusas para a governanta, Washington esquece a mala e saem.)

WASHINGTON(*volta para pegar a mala*):A mancha de novo! Não acho que seja um problema do Detergente Exemplar.*(olhando para a mancha)*Deve ser o fantasma *(voltando a limpar a mancha e sai)*.

CENA 3

(barulho do relógio à meia noite) Música

FANTASMA:*(Aparece arrastando suas correntes fazendo barulho)*

*(Senhor Otis entra procurando o barulho com uma garrafinha na mão e vê o fantasma, as gêmeas acompanham o pai)*Música do susto

SENHOR OTIS: Meu caro sir, passe um pouco de óleo Lubrificante nessas correntes, vou deixar aqui.

(O Fantasma fica imóvel sem acreditar, joga o óleo e vai saindo esbravejando, as gêmeas com OS TRAVESSEIROS, JOGAM NO FANTASMA E ELE SAI).

FANTASMA(*furioso*):Nunca em trezentos anos, eu fui tão insultado!Todos sempre morreram de medo de mim!E esses americanos me oferecem óleo e atiram travesseiros!Mas eles vão pagar por isso! *(sai)*

CENA 4

A família aparece e a governanta.

GÊMEA ESTRELA: Virgínia, veja quem está aqui!

GÊMEA STAR: É Cecil, seu amor.

CECIL (com flores): Com licença, vim conhecer a mansão.

VIRGÍNIA: Seja bem vindo, Cecil. Estamos aqui com um mistério para resolver.

SENHOR OTIS: Não tenho a menor intenção de causar qualquer mal ao fantasma. Não devemos magoá-lo, afinal ele está aqui há muito tempo. E vocês (*olhando para as gêmeas*) não devem atirar travesseiros nele.

(Gêmeas com gargalhadas.)

VIRGÍNIA: Essa mancha novamente! Mas está com uma cor diferente. (*escutam um barulho de algo caindo*)

SENHOR OTIS: O que foi isso? (*Encontram uma armadura no chão e o fantasma caído.*)
(as gêmeas jogam bolinhas com canudinhos no fantasma)

FANTASMA: (*Com uma risada horripilante vai saindo*) Agora eles vão ver! (*coloca um chapéu e cai papel na cabeça*)

(As gêmeas riem, pegam uma placa, mostram e falam a propaganda):

O FANTASMA OTIS

A ÚNICA ASSOMBRAÇÃO VERDADEIRA E ORIGINAL. CUIDADO COM AS IMITAÇÕES! (*As Gêmeas saem*)

CENA 5

FANTASMA (*Anda e pega uma capa*): Dessa vez elas me pagam. Será que aquelas pestinhas estão aqui? Melhor não arriscar... Desisto, essa família americana não merece meu talento! (*fica entristecido e fica sentado*)

LADY ELEANOR (*entra falando afastada do fantasma*): Meu querido, Simon. Já te perdoei. Agora a profecia precisa acontecer. (*sai*)

VIRGÍNIA (*entra e vê o fantasma na sala*): É o fantasma de Canterville? (*ela se aproxima*). Sinto muito pelo senhor. As férias dos meus irmãos acabam amanhã. Se o senhor se comportar bem, ninguém mais vai irritá-lo.

FANTASMA: É um absurdo pedir que eu me comporte bem. Tenho que agitar minhas correntes, caminhar por aí a noite inteira. É minha única razão de existir!

VIRGÍNIA: Mas o senhor fez mal a sua esposa, e também sei que coloca aquela mancha ridícula no chão! Acho que vou pedir a meu pai que deixem os gêmeos mais tempo aqui conosco.

FANTASMA: Não! Eu imploro. Sinto-me infeliz e solitário. Queria dormir, mas não consigo. Estou muito cansado!

VIRGÍNIA: Pobre fantasma! Você não tem um lugar onde dormir?

FANTASMA: No bosque tem um jardim, mas preciso de você para me ajudar. Você já leu a antiga profecia que está gravada na janela da biblioteca?

VIRGÍNIA: Oh, sim. Muitas vezes! Eu a conheço muito bem. Mas não entendo o que isso quer dizer. *(lady Eleanor fala a profecia)*

QUANDO UMA MENINA DE CABELOS DOURADOS
FIZER REZAR OS LÁBIOS CHEIOS DE PECADO;
QUANDO A VELHA AMENDOEIRA DER FRUTOS, POR ENCANTO,
E UMA CRIANÇA OFERECER SEU PRANTO;
ENTÃO UMA PAZ COMO NUNCA SE VIU
PODERÁ REINAR EM CANTERVIL

FANTASMA: Você deve chorar comigo pelos meus pecados porque não tenho lágrimas, e rezar comigo porque não tenho fé e assim serei perdoado pelo mal que fiz a minha esposa. E ficarei livre.

VIRGÍNIA: Não tenho medo! Vou ajudá-lo.

FANTASMA *(ajoelhado, beija a mão de Virgínia)*: Venha é por aqui.

(entram por um portal, música de terror, caveiras aparecem)

CENA 6

(A família aparece.)

SENHORA OTIS: Vocês sabem de Virgínia? Não a vi hoje. Estou preocupada. Vão procurá-la!

CECIL: Senhora Otis, não descansarei até encontrarmos Virgínia. *(saem os meninos)*

(Fica a mãe, a governanta e as filhas tristes esperando notícias.)

(Eles aparecem tristes.)

SENHOR OTIS: Infelizmente não conseguimos encontrar Virgínia.

(um grande estrondo,todos se assustam e Virgínia aparece com uma caixinha na mão)

GÊMEAS: Virgínia!!!!

CECIL: O que aconteceu?Onde você estava?

VIRGÍNIA: Eu estive com o fantasma. Ele sente muito pelas suas maldades. E me deu essa caixa com essas lindas jóias antes de morrer. Deus o perdoou.E o fantasma agora está em paz! Não vai assustar mais ninguém.

CECIL: Conte o que aconteceu.

Virgínia: Pobre fantasma!Ele me fez enxergar a força do amor!

Cecil: Que anjo você é minha querida.

(TODOS JUNTOS, LADY E FANTASMA APARECEM)

LADY: E ASSIM EU PERDOEI O FANTASMA DE CANTERVILLE E AGORA ESTAMOS TODOS EM PAZ

FIM

APÊNDICE 08: REGISTROS FOTOGRÁFICOS DAS OFICINAS



LEITURA DRAMÁTICA



ENSAIOS



CARACTERIZAÇÃO DE CENÁRIO



CARACTERIZAÇÃO DE PERSONAGEM

APÊNDICE 09: REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA DRAMATIZAÇÃO



EQUIPE DE MAQUIAGEM



ABERTURA



APARIÇÃO DO FANTASMA



AGRADECIMENTOS DA TURMA

Escola Dr. Benjamin Caraciolo
 São Carlos, 05 de novembro de 2018.
 Língua Portuguesa - Professora Tâmara Leite
 Estudante: Caio Henrique 8º ano A

Experiências

Literárias

PEÇA TEATRAL

ADAPTAÇÃO DO CONTO O FANTASMA DE CANTERVILLE



Escreva um relato sobre a peça produzida pela sua turma.

Planeje seu texto:

- ✓ Como foi a produção?
- ✓ Como foram os ensaios?
- ✓ Como foram as oficinas de produção do cenário?
- ✓ Como foi a sua participação?
- ✓ Qual foi o dia apresentação? Como foi a caracterização dos personagens? Como foi a atuação dos alunos? Como o público reagiu?
- ✓ Qual foi o momento marcante?

No conto o fantasma de canterville, nós fizemos uma adaptação da história em um texto de teatro então no meu ver a produção foi muito boa tendo em conta alguns erros, mas mesmo assim foi muito boa. Os ensaios no começo foram bons, só depois de repetir tantas vezes as mesmas cenas foi um pouco cansado, mas continuei de boa. No dia que produzimos o cenário tivemos uma experiência muito boa de montar também teve na participação, alguns colegas não tiveram e abandonaram a gente no dia da apresentação e tivemos que fazer uma improvisada.